

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE  
MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE**



**MARACY PEREIRA**

**MEIO AMBIENTE E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PESCADORES**

São Cristóvão – Sergipe  
2013

**MARACY PEREIRA**

**MEIO AMBIENTE E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PESCADORES**

Dissertação apresentada ao Núcleo de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Área de Concentração: Desenvolvimento Regional, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente. **Orientador:** Prof. Dr. Antônio Vital Menezes de Souza.

São Cristóvão – Sergipe  
2013

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

P436m Pereira, Maracy  
Meio ambiente e representações sociais de pescadores /  
Maracy Pereira ; orientador Antônio Vital Menezes de Souza. -  
São Cristóvão, 2013.  
62 f.

Dissertação (mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente)  
- Universidade Federal de Sergipe, 2013.

1. Meio ambiente. 2. Representações sociais. 3. Pescadores  
- História de vida. 4. Sergipe (SE). I. Souza, Antônio Vital  
Menezes de, orient. II. Título.

CDU: 502/504:316.47(813.7)

**MARACY PEREIRA**

**MEIO AMBIENTE E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PESCADORES**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal de Sergipe.

Dissertação apresentada por Maracy Pereira em 25 de março de 2013 à banca examinadora constituída pelos doutores

**BANCA EXAMINADORA**



---

Prof. Dr. Antônio Vital Menezes de Souza  
Universidade Federal de Sergipe  
Orientador



---

Prof. Dr. Cristiano Wellington Noberto Ramalho  
Universidade Federal de Sergipe  
1º Examinador (interno)



---

Prof. Dr. Claudio Pinto Nunes  
Universidade do Sudoeste da Bahia  
2º Examinador (externo)

Este exemplar corresponde à versão final da Dissertação de Mestrado em  
Desenvolvimento e Meio Ambiente

Prof. Dr. Antonio Vital Menezes de Souza

É concebido ao Núcleo responsável pelo Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal de Sergipe permissão para disponibilizar, reproduzir cópias desta dissertação e emprestar ou vender tais cópias

Maracy Pereira

Prof. Dr. Antônio Vital Menezes de Souza

## AGRADECIMENTOS

Numa trajetória de dois anos não conseguiria concluí-la sem a presença, parceria e ajuda de algumas pessoas.

Primeiramente a Deus pelo fortalecimento da alma.

À minha filha, Mariana, que desde a idade mais tenra soube compreender a minha ausência;

Aos meus familiares que, nos bastidores da vida, sempre me deram apoio para aguentar firme a jornada. Gostaria de destacar o meu pai pela segurança, a minha mãe pela fortaleza, as minhas irmãs Evalda e Wilda pelo suporte material.

À minha chefe e amiga Maria José do Nascimento que vibra com as minhas conquistas e me ajuda na caminhada acadêmica.

À minha amiga de turma Isabella Chagas com quem partilhei sorrisos e lágrimas para que eu pudesse aliviar as tensões.

Ao meu orientador Prof. Dr. Antônio Vital M. de Souza, minha eterna gratidão por me acompanhar nesse percurso indescritível que é o mestrado.

Aos meus sobrinhos Anilson e Joyce que alegraram a minha batalha diária

Aos que não mencionei, mas que de alguma forma seguraram a minha mão para essa vitória que, por vezes, pareceu ser inalcançável.

## RESUMO

O objeto central da pesquisa são as representações sociais dos pescadores ribeirinhos sobre as mudanças ocorridas no meio ambiente, acompanhadas durante a trajetória de vida de cada sujeito participante da pesquisa. Trata-se da identificação de conceitos, ideias e imagens partilhadas pelos pescadores a respeito das mudanças ocorridas no meio ambiente local, principalmente o rio São Francisco e da análise da presença e influências das histórias de vida de pescadores ribeirinhos na construção de tais conceitos, ideias e imagens partilhadas. Participaram desse estudo vinte pescadores com idade entre vinte e cinco e sessenta e cinco anos. A pesquisa teve como base a etnografia qualitativa. Os principais instrumentos de coleta de informações foram os relatos orais de vida, as entrevistas semidirigidas e o grupo nominal ou focal. Os resultados dessa pesquisa destacam a valorização das histórias de vida e do conjunto de saberes da experiência como fontes seminais de releituras sobre a problemática social mais ampla, em especial, para o campo interdisciplinar de estudos em desenvolvimento e meio ambiente. Dessa conjuntura, pode-se afirmar que as representações sociais de pescadores a respeito do meio ambiente são indissociadas da prática cultural em que se originam, expressam dinamicidade e força própria de pertencimento, tanto quanto consolidam a expressão de suas singularidades-identidades, sem torna-los idênticos entre si, mas, autores de suas próprias histórias de vida, partilhadas pela noção de comunidade a que pertencem. Das representações sociais explicitadas no decorrer da pesquisa há a predominância das crenças partilhadas sobre o universo lendário, os ‘causos de pescador’ que, efetivamente, deram a caracterização do grupo a relevância de compreendê-los em sua cultura tensões existenciais vividas como partilha-negação, mundanidade-sacralidade, vida-morte, partir-chegar, mudar-permanecer no reencontro do Rio São Francisco com as histórias de vida de pescador.

**PALAVRAS-CHAVE:** Representações Sociais. Meio Ambiente. Histórias de Vida de Pescadores

## ABSTRACT

The central object of the research are the social representations of coastal fishermen on the changes in the environment, accompanied during the life trajectory of each individual research participant. It is the identification of concepts, ideas and images shared by fishermen about the changes in the local environment, primarily the river São Francisco and the analysis of the presence and influence of the life histories of coastal fishermen in the construction of such concepts, ideas and images shared. Participated in this study twenty fishermen aged between twenty-five and sixty-five years. The research was based on qualitative ethnography. The main instruments of data collection were the oral stories of life, and semi-structured interviews or focus group par. The results of this research highlight the value of life histories and the set of experience knowledge as sources of seminal readings on broader social issues, in particular to the field of interdisciplinary studies on development and the environment. In this situation, one can say that social representations of fishermen about the environment are intertwined in the cultural practice that originate, own express dynamism and strength of belonging, as well as consolidate the expression of identities-their singularities, without it them identical to each other, but authors of their own life stories, shared by the notion of community to which they belong. Social representations made explicit during the research for the dominance of shared beliefs about the legendary universe, the 'stories of fisherman' which effectively gave the characterization of the group understands the importance of them in their culture existential tensions experienced as denial-sharing , worldliness, sacredness, life-death, from-reach, change-reunion stay at São Francisco River with the life stories of fisherman.

**KEYWORDS:** Social Representations. Environment. Life Stories of Fishermen

## SUMÁRIO

Folha de Aprovação	iv
Agradecimento	vii
Resumo	viii
Abstract	ix
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>01</b>
<b>PLANO CONCEITUAL DA PESQUISA</b> .....	<b>11</b>
<b>1 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E MEIO AMBIENTE</b> .....	<b>12</b>
<b>1.1 Representações Sociais: objetos e campo de pesquisa</b> .....	<b>13</b>
<b>1.2 Vidas de Pescadores</b> .....	<b>19</b>
<b>2 METODOLOGIA DA PESQUISA</b> .....	<b>30</b>
<b>3 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS</b> .....	<b>36</b>
<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>47</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>50</b>

# **INTRODUÇÃO**

## INTRODUÇÃO

O objeto de estudo desta pesquisa são as representações sociais dos pescadores ribeirinhos sobre as mudanças ocorridas no meio ambiente, acompanhadas durante a trajetória de vida de cada sujeito participante da pesquisa. Para desenvolvê-la foi utilizado o método das histórias de vida junto à comunidade de pescadores do Povoado Serrão, localizado no Município de Ilha das Flores, Sergipe. A delimitação do campo empírico é a Associação de Pescadores desse Povoado. A escolha pelo objeto de pesquisa e a problemática nela envolvida decorre de minha própria experiência de vida e de formação, originadas desde os primeiros momentos de interação com as questões ambientais em terra infância.

Nascida em Ilha das Flores, fixei residência em Aracaju aos quatro anos de idade. Desde então, comecei os meus estudos primários e no período de férias escolares regressava a “minha” terra natal para aproveitar as benesses do “Velho Chico”: tomando banho, pescando, conversando com os amigos às margens do leito, ouvindo os ‘causos’, defrontando-me com um mundo de representações, de fantasias e histórias. Considerando esses pressupostos históricos e minha trajetória como pesquisadora, o intento teve como ponto de partida o conjunto de vivências pessoais junto aos pescadores, associado às atividades acadêmicas realizadas por mim durante todo meu percurso profissional e pessoal como estudante, e, ainda, como professora do ensino superior.

Durante minha graduação em Pedagogia (UFS/DED) pude encontrar diversos momentos, quase sempre estanques e fragmentados, sobre a temática da cultura local, relacionada às discussões sobre meio ambiente, apresentados ora através de um discurso não muito aprofundado de professores, ora através de breves discussões em sala de aula sobre catástrofes que ocorriam no cotidiano. De algum modo, estes encontros incessantes com as questões ambientais despertavam a necessidade de se discursar sobre os efeitos climáticos,

por exemplo, destacando-se, sobretudo, as interferências antrópicas na ordem natural do planeta.

Entre 2000 e 2008, as minhas inquietações sobre a importância de se trabalhar a comunidade pesqueira foram gradualmente se expandindo de modo a me sentir desafiada a explorá-lo como objeto de estudo interdisciplinar, cuja natureza e/ou especificidade teórica e vivencial apresenta-se, até os dias de hoje, como portadora de natureza complexa, histórica e política, demarcada pela cultura. Nesse período destacam-se as leituras e as experiências de contato com a realidade da população ribeirinha de Ilha das Flores - Sergipe. Desde então, venho desenvolvendo atividades e estudos interdisciplinares que culminam na aproximação progressiva com a temática da educação ambiental.

Assim, através do conjunto de experiências profissionais, pude participar de distintos momentos de debates sobre a temática acima descrita, seja através de palestras, colaboração e/ou parceria no desenvolvimento de projetos de pesquisa, mesas-redondas, exposição participativa em sala de aula e em outros espaços de atuação profissional como as escolas da educação básica da rede particular de ensino de Aracaju, Sergipe.

Nesse contexto, é relevante destacar a experiência como professora do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe – Campus de Itabaiana/SE e as atividades desenvolvidas por mim como pesquisadora e membro do SEMINALIS – Grupo de Pesquisa em Tecnologias Intelectuais, Mídia e Educação Contemporânea. Estas experiências foram importantes porque a partir de outubro de 2008 passei a discutir as questões epistemológicas de modo mais intenso. Ocorreu minha participação nas reuniões quinzenais de estudos orientados sobre educação, cultura, memória, história de vida e epistemologia, nos quais foram se articulando possibilidades de análise da relevância das histórias de vida, da memória e das representações sociais dos pescadores do Povoado Serrão, Ilha das Flores (SE).

A escolha de Ilha das Flores possui motivos relevantes. Ilha das Flores, a 135 quilômetros da capital, inicialmente chamou-se Ilha dos Bois por ter nascido de um curral de gado. A história dessa cidade começou em 15 de fevereiro de 1826, com a chegada dos padres jesuítas em Cajuípe de Cima, Brejo Grande. Eles permaneceram por muitos anos realizando missões em várias localidades, onde recebiam de presentes bois com os quais formaram um arraial onde está implantada Ilha das Flores. Como os jesuítas necessitavam de alguém para cuidar dos animais, chamaram o caboclo Manuel Ricardo para ser o vaqueiro e também

encarregado de encontrar um local onde plantariam capim para alimentar o gado. Ele escolheu uma parte alta e convidou moradores vizinhos para fazer roças e plantar o capim.

No local escolhido, que recebeu o nome de Ilha da Boa Vista e depois Alto de Ilha dos Bois, foram construídos um curral e uma casa. Quase dez anos depois, em 15 de março de 1835, os padres jesuítas foram expulsos pelas tropas portuguesas e entregaram as terras ao chefe político da região, o coronel Agripino do Aracaré, de Vila Nova, hoje Neópolis. Esse coronel prosseguiu comprando e vendendo gado até sua morte, quando a esposa assumiu os negócios. Porém não deu certo, ela acabou vendendo a boiada e doando as terras ao padroeiro do município, Santo Antônio. A terra doada foi dividida entre vários posseiros, que construíram dezenas de barracas no local e deram o nome de Arraial de Santo Antônio. A Ilha prosperou bastante. Em 7 de abril de 1947, com a iniciativa do farmacêutico ilhense Luiz Ferreira Lisboa, passou à condição de povoado. Na época, ele era prefeito de Parapitinga, hoje Brejo Grande, e conseguiu em 15 de abril de 1950, através da lei 823, transformar a povoação em vila. Enquanto administrava Brejo Grande, providenciou a documentação necessária para desmembrar o lugar onde nasceu do município do qual era prefeito.

De posse dos documentos, Luiz Lisboa foi à Propriá e solicitou ao deputado Jessé Trindade, amigo do governador Leandro Maciel, para apresentar o projeto na Assembleia Legislativa. Graças ao apoio de cinco deputados do partido, o PSD, a aprovação foi garantida. Conseguiu facilmente porque todos já conheciam a vila e sabiam que era merecedora da emancipação.

No dia 1º de julho de 1958, o deputado Jessé apresentou o projeto, que foi aprovado por maioria absoluta. A lei entrou em vigor no dia 1º de janeiro de 1959 e, a partir daí, o município de Ilha das Flores passou a ser sede dos povoados Aroeira, Jenipapo e Serrão. Luiz Lisboa (antigo dono da Fazenda Cabacinha, ex-delegado, ex-vereador e ex-prefeito) foi também o responsável pela emancipação da vila.

A população ribeirinha, até meados da década de 70, tinha muitas dificuldades para chegar de canoa a vela até Aracaju. O percurso até Propriá durava dois dias. Chegando lá, a gente pegava o trem e seguia viagem. Depois melhorou com a canoa a motor, que demorava apenas duas horas, lembra Luiz Lisboa.

Desde então, as mudanças ocorridas na comunidade, inclusive na pesca, passam a ser estabelecidas sob novos aspectos econômicos, sociais, políticos e culturais merecendo

atenção especial, tendo em vista que esse processo de transformação potencializa a perda de importantes referenciais que regem a vida dessas pessoas.

Nesse sentido, os pescadores estão inseridos em um sistema sociocultural que é delimitado pela dinâmica e características que são peculiares à sua cultura que, para Morin apud Estrada (1984, p. 41), [...] “a cultura é um sistema que faz comunicarem-se – dialetizando-se – um saber constituído e uma experiência existencial”. Experiência esta que (con)forma um imaginário capaz de estabelecer relações sociais hegemônicas, equilibrando biológica, psíquica e sociologicamente tanto os indivíduos como as sociedades face à civilização tecnocrática e iconoclasta. (ARAÚJO; TEIXEIRA, 2009, p. 09) .

Assim, as relações sociais entre os pescadores e estes com o rio, construída na comunidade pesqueira do Povoado Serrão, constituíram um modo de viver ímpar, enfatizado no sentido que o lugar tem para os pescadores que moram ali, presentes numa vida de muito trabalho, lutas, dificuldades, mas, sobretudo de uma existência coletiva de muitas crenças e esperanças em dias melhores e de fartura. Desse modo, conforme Santos (2006, p. 96):

A história da humanidade parte de um mundo de coisas em conflito para um mundo de ações em conflito. No início, as ações se instalavam nos interstícios das forças naturais, enquanto hoje é o natural que ocupa tais interstícios. Antes, a sociedade se instalava sobre lugares naturais, pouco modificados pelo homem, hoje, os eventos naturais se dão em lugares cada vez mais artificiais, que alteram o valor, a significação dos acontecimentos naturais.

Portanto, a atividade pesqueira vem resistindo às atuais conjecturas mercadológicas por meio de alguns membros da Associação de Pescadores do Povoado Serrão, porque para estes, essa atividade ainda representa garantia de sobrevivência. Embora se perceba que essa resistência se dá entre os mais velhos da Associação, estes orientam seus filhos a buscarem outras atividades que possibilitem vislumbrar um “futuro” melhor.

Segundo afirma o ator social de cognome Pedro, um futuro melhor “é ter estudo, ficar longe da água fria para não pegar reumatismo (sic); é chegar no (sic) fim do mês e ter um salário certo (informação verbal)<sup>1</sup>”. Na fala do sujeito de pesquisa, a relação que o mesmo faz de futuro se difere de outras comunidades. As sociedades urbanas, como comumente são

---

<sup>1</sup> Fala obtida em atividade de campo através de entrevista no Povoado Serrão, Ilha das Flores – SE, em maio de 2012.

chamadas as que fazem parte das cidades ou dos grandes centros urbanos, consideram futuro como algo que ultrapassa a linha da simples necessidade de sobrevivência. Para essa última, sobreviver significa fazer parte de uma estrutura social calcada em valores socioeconômicos que vão além dessa subsistência. Tais valores vão desde a chance de adquirir um emprego como também ao de estar em destaque social sobre os demais através de projeção econômica.

Nesse sentido, para Certeau (1994, p. 86),

[...] abre-se a possibilidade de analisar o imenso campo de uma “arte de fazer” diferente dos modelos que reinam (em princípio) de cima para baixo da cultura habilitada pelo ensino (do superior ao primário) e que postulam, todos eles, a constituição de um próprio (um espaço científico ou uma página branca para escrever), independente dos locutores e das circunstâncias, onde construir um sistema a partir de regras que garantam a sua produção, sua repetição e verificação.

Assim sendo, este projeto de pesquisa tem como objeto o estudo sobre elementos das representações sociais dos pescadores ribeirinhos de Ilha das Flores (SE) que se apresentam nos relatos de vida, produzidos durante as interações da pesquisa de campo. O foco das entrevistas e das conversas informais centrava-se na discussão sobre os conceitos, as ideias e as imagens partilhadas pelos pescadores a respeito das mudanças ocorridas no meio ambiente local, principalmente o rio São Francisco.

Desse modo, o problema de pesquisa teve como questão norteadora: Que conceitos, ideias e imagens são partilhados pelos pescadores a respeito das mudanças ocorridas no meio ambiente local, principalmente o rio São Francisco, considerando as histórias de vida de pescador e suas relações com tais mudanças?

O objetivo da pesquisa é **identificar** conceitos, ideias e imagens partilhadas pelos pescadores a respeito das mudanças ocorridas no meio ambiente local, principalmente o rio São Francisco e **analisar** a presença e influências das histórias de vida de pescadores ribeirinhos na construção de tais conceitos, ideias e imagens partilhadas.

As principais contribuições desse estudo podem ser destacadas a partir de três argumentos centrais: a) os elementos originados no campo da experiência vivencial dos pescadores ribeirinhos possuem relevância social e científica incontestemente se considerarmos o campo da microssociologia de base qualitativa cuja inspiração epistemológica valoriza as histórias de vida e o conjunto de saberes da experiência como fontes seminais de (re)leituras sobre a problemática social mais ampla; b) as memórias e as representações sociais

apresentam-se como campos relevantes para a rediscussão sobre as políticas públicas voltadas ao desenvolvimento regional de modo a permitir a visualização de dimensões e/ou propostas de intervenção frente a problemática da cultura e; c) por fim, esta pesquisa contribui com o campo do conhecimento interdisciplinar, voltado aos estudos das representações sociais e sua pertinência às ciências ambientais. Lê-se:

Se, em ciências humanas, os fatos dificilmente podem ser considerados como coisas, uma vez que os objetos de estudo pensam, agem e reagem, que são atores podendo orientar a situação de diversas maneiras, é igualmente o caso do pesquisador: ele também é um ator agindo e exercendo a sua influência.(LAVILLE, 1999 p. 33)

Assim sendo, como pesquisadora, sou protagonista participante vivendo essa pesquisa no Povoado Serrão no qual minha infância ocorrera, agindo e exercendo a minha influência e construindo um saber em movimento incessante, por isso mesmo, variável e questionável.

O local da pesquisa foi Associação de Pescadores do Povoado Serrão, fundada em Agosto de 1995 e composta por trinta pescadores. Vale ressaltar a questão de gênero onde a referida Associação é constituída só por membros do gênero masculino. O município de Ilha das Flores possui onze Associações. Destas, seis estão localizadas no Povoado Serrão onde existe uma Associação composta somente por mulheres pescadoras; as demais estão assim distribuídas: Ilha das flores – 02, Bolivar – 01, Bongue – 01, Jenipapo – 01. A divisão de gênero se explica pela especificidade do regimento que regulamenta cada uma das Associações.

A escolha pela Associação de Pescadores do Povoado Serrão se deu pelos seguintes aspectos: a) foi a primeira Associação de Pescadores do município; b) os pescadores exercem a atividade pesqueira efetivamente. Os pescadores do referido povoado perceberam que sozinhos eles teriam mais dificuldade de normatizar a pesca enquanto profissão que dá direito à aposentadoria e ao seguro desemprego no período do defeso, como também a aquisição dos materiais essenciais à atividade pesqueira, tais como: motor de rabeta, barco, remo, rede. O custo é muito alto, e por isso, faz-se necessário o convênio com órgãos públicos a exemplo da Empresa de Desenvolvimento Sustentável do Estado de Sergipe (PRONESE) para o financiamento dos materiais acima citados e a construção de uma sede própria, pois os pescadores se reúnem em um espaço cedido por um membro da comunidade.

Esta pesquisa é de natureza qualitativa porque

[...] trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. (MINAYO, 2011, p. 21)

Desse modo, busca-se valorizar as **experiências vividas** como fontes singulares para apreensão e interpretação do fenômeno que se mostra como tal, mesmo conhecendo que a realidade não é transparente e é sempre mais rica e complexa do que nosso limitado olhar e nosso limitado saber.

História de pescador? Longe dessa expressão com caráter figurado que está associada a uma inverdade, essas histórias estão repletas de significados, sentidos, significações, lembranças. Por que não dizer memórias, vivências e representações sociais? Sejam elas coletivas e/ou sociais reverberam práticas de resistência e permanência na resignificação de sentidos para que os pescadores em questão permaneçam exercendo as suas atividades pesqueiras, partilhando imagens que os fortalecem enquanto grupo e sujeitos ativos da sua própria história.

Histórias que por vezes são silenciadas pelas macrossociologias, mas que vem à tona com a força do fazer cotidiano, que para Certeau (1994) exerce um saber-fazer onde se podem encontrar todos os traços da arte da memória. Segundo Lévy (2001: 118) a história se identifica a uma tensão permanente – entre o passado e o futuro, entre o singular e o coletivo, entre a unidade e a separação. Assim sendo, a história é um inacabado devir onde os sujeitos sociais (re)inventam o seu cotidiano para resistir à violência simbólica imposta pela sociedade.

A coleta dos dados na comunidade ocorreu no período de fevereiro de 2012 a fevereiro de 2013, onde foram realizadas visitas mensais e quinzenais, com a permanência na comunidade variando de três dias a uma semana. Foi feita entrevista semidirigida objetivando responder à questão de pesquisa e conhecer melhor a comunidade pesqueira através de uma escuta sensível<sup>2</sup>. Por vezes fez-se necessário reformular as perguntas para uma maior

---

<sup>2</sup>Entende-se por Escuta sensível “[...] escutar-ver que recebe em seu significado a influência da abordagem rogeriana em ciências humanas, inclinando-se para a tendência interpretativa da meditação no sentido oriental do termo (Krishnamurti, 1994). A escuta sensível se apoia na **empatia**. O pesquisador deve saber sentir o

compreensão das informações coletadas em virtude do grau de instrução dos atores sociais; 80% dos pescadores entrevistados possuem o Ensino Fundamental incompleto, onde estes estudaram até o 4º ano aproximadamente.

Essa dissertação é composta por quatro capítulos. Além da introdução, conclusões, referências e anexos. O primeiro capítulo teórico é intitulado Representações Sociais e Meio Ambiente no qual são apresentados os principais elementos teóricos correspondente a cada um dos termos que o compõe. Apresento breve histórico das Representações Sociais, associando-o às principais escolas dentro do campo das Representações Sociais, seus autores e conceitos centrais. No segundo momento, discorro sobre a noção de meio ambiente dentro do campo das Representações Sociais e apresento as principais abordagens sobre o tema e sua importância dentro do Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES/MEC/Brasil).

O segundo capítulo teórico é denominado Vidas de Pescadores no qual apresento as identidades, estilos de vida e modos de existência de pescadores. Recorro às abordagens biográficas para mais bem delinear as características próprias desse grupo social, mantendo incessante diálogo com as questões do desenvolvimento sustentável e da economia local, relativas às atividades pesqueiras. Por fim, concluo essa parte da dissertação destacando e apresentando dados recentes sobre a atividade pesqueira no Nordeste brasileiro na última década.

O terceiro capítulo é dedicado à metodologia da pesquisa. Foi utilizado o método etnográfico de pesquisa. Exponho desde a definição do tipo de pesquisa e de método, através da associação entre ambos, como algo indispensável ao desenvolvimento coerente desse estudo. Discorro sobre os motivos que me levaram a assumir a etnografia como tipo de pesquisa e método ao mesmo tempo. Além disso, apresento os momentos ou fases da pesquisa, desde seu início até a escritura do texto dissertativo. Os instrumentos de coleta de informações são, ainda, devidamente situados através da definição de seus objetivos dentro de todo processo de pesquisa.

O quarto capítulo da dissertação é direcionado às Análises e Interpretação dos Resultados. Nessa parte os elementos formais da pesquisa são devidamente retomados e detalhados em sua caracterização. O texto é construído através de relatos de cenas e de

---

universo afetivo, imaginário e cognitivo do outro para poder compreender de dentro suas atitudes, comportamentos e sistema de idéias, de valores de símbolos e de mitos” (Barbier, 2002).

registro de impressões, articulados entre si pela presença de reflexões partilhadas ou não pelos pesquisadores consagrados com a finalidade de compreender em profundidade a dinâmica do objeto de pesquisa em seu contexto original. Por isso é uma etapa com bastantes detalhes e sem a preocupação de ordenar linearmente os movimentos de cada uma das categorias que foram elencadas no decorrer do desenvolvimento da pesquisa. A questão norteadora do estudo, pois, é amplamente explorada por um processo de descrição densa (Geertz, 1999).

As conclusões do trabalho permitem estabelecer redes singulares de interpretação. A primeira delas se refere à capacidade de partilhar as experiências individuais, vividas ao longo da história de uma vida, com o sentido comunitário e coletivo. Isso ocorre quando as imagens individuais são reconhecidas por outros membros da Associação de Pescadores do Povoado Serrão como elementos de importância social e cultural incontestável entre os pescadores.

A segunda rede de interpretação diz respeito a própria estrutura das representações sociais como elementos de concreta funcionalidade histórica no grupo de pescadores. Nesse caso, as representações sociais consolidam sentidos grupais sobre o meio ambiente e sobre as experiências de determinado grupo – o grupo de pescadores – a respeito do rio São Francisco. Isso porque os “causos” são alimentados por um imaginário social, reconhecido como significativo para os pescadores em suas próprias vidas, como seres culturais nascidos, e, como eles mesmos afirmam, “nascidos de pescadores”.

A terceira concentra-se em torno da ideia segundo a qual as mudanças ocorridas no meio ambiente local, principalmente o rio São Francisco, e suas aproximações, associações e inter-relações com as histórias de vida de pescador explicitam uma dinâmica sociocultural intensa e inacabada. Tudo está em fluxo na vida de pescadores e o meio ambiente é fluxo corrente como as águas do rio São Francisco. Meio ambiente e os pescadores são composições singulares da expressão da natureza e do homem em suas relações mútuas. Afinal, homem é natureza. Por fim, esta pesquisa permite trazer à tona as representações sociais de pescadores a respeito do meio ambiente são indissociadas da prática cultural em que se originam, expressam dinamicidade e força própria de pertencimento, tanto quanto consolidam a expressão de suas singularidades-identidades, sem torna-los idênticos entre si, mas, autores de suas próprias histórias de vida, partilhadas pela noção de comunidade a que pertencem.

## **1 PLANO CONCEITUAL DA PESQUISA**

## CAPÍTULO I

### REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E MEIO AMBIENTE

Esta parte da dissertação tem como objetivo apresentar breve histórico das Representações Sociais, associando-o às principais escolas dentro deste campo de conhecimento e pesquisa, seus autores e conceitos centrais. Está organizada em dois momentos ou subtópicos. No primeiro momento discuto a respeito dos objetos, pesquisas e teorias advindas pela produção de conhecimento no campo das Representações Sociais. Para isso descrevo a estrutura básica da Teoria das Representações Sociais e sua importância para o campo das ciências ambientais e da pesquisa interdisciplinar.

Em seguida, no subtópico intitulado Vidas de Pescadores, discuto sobre identidades, estilos de vida e modos de existência de pescadores considerando-os como grupo social específico, demarcado pelo universo de uma cultura própria: a cultura de pescador. Para isso, encontramos nas abordagens biográficas e na etnografia cultural o fundamento mais adequado para compreender esse universo de produção de vida, de identidades e de cultura.

O conceito de meio ambiente é parte importante dessa discussão. Inicialmente, destaco a resolução do CONAMA 306/2002, onde afirma que meio ambiente “é o conjunto de condições, leis, influência e interações de ordem física, química, biológica, social, cultural e urbanística, que permite, abriga e rege a vida em todas as suas formas”. Nessa pesquisa, as representações sociais são estabelecidas no ambiente vivido pelos pescadores e a partir dele. As características próprias desse grupo social, mantendo incessante diálogo com as questões do desenvolvimento sustentável e da economia local, relativas às atividades pesqueiras, consolidam a discussão final dessa parte da dissertação.

### 1.1. Representações Sociais: objetos e campo de pesquisa

As Representações Sociais se constituem como interações sociais partilhadas, vividas e ressignificadas por um grupo de sujeitos. Foi Émile Durkheim quem sistematizou o campo como hoje o conhecemos e empregou pela primeira vez sua atenção e interesse em sistematizar a compreensão das práticas sociais cotidianas, ligadas a diferentes tipos de conhecimento social.

Há uma breve e profunda história em Representações Sociais. Se o surgimento sistemático inicial do campo de pesquisa ocorreu a partir de 1895 com Émile Durkheim, nos seus estudos sobre consciência coletiva, os primeiros estudos voltados à temática da natureza, influências e desenvolvimento das representações coletivas ocorreram em 1961 com Serge Moscovici (1928- \*\*\*\*).

Durkheim (1858 – 1917) foi um pesquisador motivado em compreender o mecanismo de funcionamento da vida social. O interesse em grupos humanos e o modo como os indivíduos produziam a realidade social marcou verdadeiramente a vida e a obra deste autor. No que se refere às Representações Sociais, a aproximação de Durkheim aos primeiros estudos do campo ocorrem quando ele desenvolveu seus estudos sobre as regras do método sociológico. Outros pesquisadores e intelectuais se envolveram diretamente com a elaboração do campo das Representações Sociais. Podemos destacar Jodelet (2001), Geertz(1989; 1997), Spink (2000), Sato (1993), Leme (1993), dentre outros.

As Representações Sociais podem ser definidas como uma “forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, tendo uma visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”. Para Jodelet (2001) o elemento que caracteriza as Representações Sociais é caráter simbólico da atividade representativa de sujeitos que partilham uma mesma condição ou experiência social. Esse elemento pode ser compreendido mediante o sentido que os sujeitos dão as suas experiências coletivas, valendo-se das interações e interpretações fornecidas pela sociedade e construindo valores e anseios sociais.

Spink (2000) analisa as Representações Sociais a partir da produção de sentidos no cotidiano. A base de seu interesse de pesquisa se concentra na perspectiva da linguagem em uso, onde o sentido é sempre interativo e implicam a existência de variados interlocutores, cujas vozes se fazem presentes. Esse processo está ligado ao sentido como construção social,

um empreendimento coletivo e se apresenta na Teoria das Representações Sociais como importante na compreensão da vida social e suas dinâmicas.

Quando falamos em Representações Sociais assumimos que estas construções simbólicas têm como essência a pertença social dos sujeitos produtores e suas relações socialmente localizadas nas experiências vividas. Nesse sentido, Moscovici (2003) pontua que as Representações Sociais são um conhecimento emergente do mundo no qual as pessoas se encontram e interagem, do mundo onde os interesses humanos, necessidades e desejos encontram expressão, satisfação ou frustração, pois o conhecimento surge das paixões humanas e, como tal, nunca é desinteressado. Particularmente, a compreensão dos elementos de contexto de origem das Representações Sociais absorvem a cultura, a comunicação e a inserção nos níveis socioeconômico, institucional, educacional e ideológico. Segundo Jodelet (2002, p. 22), as representações sociais atuam como “[...] uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social.” Assim, podemos afirmar que as Representações Sociais têm por finalidade tornar familiar algo não familiar, ou a própria não familiaridade”.

Há uma variedade de objetos de estudo em Representações Sociais. Por isso mesmo, o campo se constitui como em complexidade crescente e situada em pleno desenvolvimento teórico e metodológico. A pesquisa em Representações Sociais, por isso mesmo, está caracterizada pela multirreferencialidade, onde aborda aspectos políticos, econômicos, culturais, sociais, religiosos.

Anadón e Machado (2001) as principais ideias desenvolvidas no campo das Representações Sociais estiveram reunidas sob a influências de Moscovici (1961). Para Anadón e Machado (2001) as Representações Sociais, nesse período, correspondem a um processo de remodelagem que tem como objetivo produzir informações significativas. Neste sentido, ela se elabora no interior dos modelos culturais e ideológicos e das maneiras de pensar dominantes na sociedade. O interesse dos pesquisadores está direcionado para um espaço novo, fecundo e renovador às ciências psicológicas e sociais, como o tem demonstrado a realização de centenas de pesquisas quer na Europa, quer na América como um todo e, especialmente no Brasil.

Em Representações Sociais os objetos de pesquisa se constituem mediante a associação de novos saberes como os elementos teóricos e conceituais do interacionismo

simbólico, da etnometodologia, da fenomenologia e do construcionismo social. São os principais representantes desse tipo de pensamento em Representações Sociais: Jodelet (1991), Abric (1998), Moscovici (1961), Faar (2003), Guimelli (1994, 1995). A concentração em analisar a maneira que as pessoas hierarquizam as diferentes posições segundo, por exemplo, seus valores, crenças e ideias permite-nos inferir que a identidade das representações é o foco central de interesse desse grupo de pesquisadores.

Nessa perspectiva, Jodelet (1989) destaca que se deve dar uma atenção especial à dimensão social que permita uma incursão na atividade representativa e em seu produto. É muito importante em Representações Sociais a concepção de um conjunto organizado e específico que ultrapassa a justaposição dos saberes e a soma das representações individuais. Por isso é que podemos dizer que a representação é um guia para a ação, ela orienta as ações e as relações sociais. No sentido oposto, não é possível afirmar que as representações ignoram o saber do senso comum. Logo, as Representações Sociais são formuladas a partir de duas faces: a da imagem e a da significação (a cada imagem uma significação e a cada significação uma imagem) (Anadón e Machado, 2001: 13).

As imagens são importantes ferramentas de análise nas pesquisas em Representações Sociais. Moscovici (1978) compreende a imagem como o estudo que leva em consideração tanto uma face figurativa como uma face simbólica, reconhecidas como elementos tão indissociáveis como a frente e o verso de uma folha de papel. No campo de pesquisa das Representações Sociais essa ideia é compreendida como sendo o processo de apropriação das mesmas que compreende a escolha com base nas crenças, valores, cultura, grupo social. Por associar-se a esse tipo de dinâmica social, as Representações Sociais são assimiladas no cotidiano prático dos atores sociais como elemento de força explícita: impregna as relações e possibilitam a formulação de estados de partilha de modo tão intenso que o estado real das Representações Sociais não se confunde com o imaginário, mas, dele se nutre em grande medida.

Um outro elemento importante nesse percurso histórico de criação do campo de pesquisa em Representações Sociais é a relação entre as questões da psicologia individual com os estudos psicossociais ou, propriamente dito a relação das Representações Sociais com a Psicologia Social. Nesse caso, há uma aproximação interessante. Há também distinções a serem feitas. A psicologia social torna-se um campo de estudo que foca no comportamento do indivíduo e suas relações com a prática social ou com a coletividade, principalmente quando o

indivíduo está em interação com um grupo, portanto cabe ressaltar que o indivíduo mostra seus conhecimentos, concepções e ações nesse momento.

Se a psicologia social se preocupa com o indivíduo em suas relações com o grupo social que participa ou de sua própria origem, a Teoria das Representações Sociais direciona-se aos estudos das manifestações intelectuais e comportamentais dos indivíduos coletivamente e como tais relações influencia a estrutura individual, sempre analisada como resultado das interações coletivas. Assim, Serge Moscovici (1928- \*\*\*\*) em “A psicanálise, sua imagem e seu público” (1961) retomou o projeto analítico de Durkheim sobre a sociedade, dando-lhe nova configuração e especificidades. De modo geral, em Representações Sociais é possível reconhecer validade na dinâmica própria ao conhecimento do senso comum, até então visto como sem rigor científico.

De modo específico, Moscovici (1961) condensa suas inspirações teóricas a partir da experiência prática com os grupos sociais em pleno movimento de constituição. Assim, estabelece-se uma tríade indivíduo, indivíduo social e objetos da prática social. Essa tríade explica a relação, que surge por um determinado conhecimento (objeto), entre indivíduo (o eu, com concepções) e indivíduo social (quando compartilha concepções com um grupo em comum).

Nesses termos, é na relação com o senso comum que se estrutura como elo da tríade dentro de um estudo científico. Por isso mesmo, as análises sobre o processo de compreensão de algo real presente no pensamento dos indivíduos e dos grupos se fortalece no sentido de considera-los como elementos simbólicos que se consolidam pela elaboração de um conceito, ideia ou imagem partilhada. Disso resulta a compreensão segundo a qual as representações sociais têm função de socializar ideologias, crenças, valores e comportamentos de um grupo social e o que determina para socialização é a comunicação por decodificar, transformar e traduz o conhecimento produzido. Em outras palavras, Jodelet (1984) apresenta o conceito de representação social como:

"[...] uma forma específica de conhecimento, o saber do senso comum, cujos conteúdos manifestam a operação de processos generativos e funcionais socialmente marcados; mais amplamente, designa uma forma de pensamento social." (p.361).

Nessa definição estão presentes ideias, conceitos e crenças construídas e partilhadas pelos sujeitos sociais. Tal proceder explicita que o conhecimento sobre a realidade e as relações estabelecidas com a realidade é de forte expressão social. Por isso mesmo, os processos de significação social que envolve os indivíduos é sempre resultado da partilha e das interações que se estabelecem num determinado grupo social.

No conjunto dessas discussões, Abric (1987) dedica-se na Teoria das Representações Sociais, ao desenvolvimento da Teoria do Núcleo Central. Esta teoria tem como finalidade analisar as representações a partir da organização que se estabelece em torno de um elemento fundamental (núcleo central). A importância do elemento central é relevante nesse tipo de pesquisa. O elemento central, o núcleo central das representações sociais possui capacidade geradora, organizadora e estabilizadora nas Representações Sociais (Anadón e Machado, 2001, p. 27). Em outros contextos, Sá (1996, p. 70) expressa objetivamente o pensamento de Abric (1987) ao elucidar que o “levantamento do núcleo central é importante, inclusive, para conhecer o próprio objeto da representação, ou seja, para saber o que afinal de contas esta sendo representado”.

Por fim, dentro desse conjunto de reflexões o desenvolvimento teórico e metodológico das Representações Sociais, como campo de pesquisa, ocorreu mediante o surgimento de várias temáticas comuns com centralidade de interesse, mesmo diversos e distanciados entre si quanto a formalização de objetos distintos.

Podemos destacar três procedimentos ou enfoque dessa formalização. A primeira é delineada pela abrangência e limites da informação em Representações Sociais. O que ocorre nesse processo é a relação com a organização dos conhecimentos que um grupo possui a respeito de um objeto social. A temática que versa sobre informação é, assim, elaborada pelos estudiosos do campo das Representações Sociais.

A segunda temática de maior interesse e aparecimento no campo das Representações Sociais é campo de representação ou imagem. Como se caracteriza esse interesse? A característica central está no fato de englobar tanto os juízos formulados sobre o objeto representado quanto às asserções sobre o ele. Segundo Moscovici (1978, p. 69), esta dimensão “remete-nos a idéia de imagem, de modelo social, ao conteúdo concreto e limitado das proposições atinentes a um aspecto preciso do objeto da representação”.

Assim sendo, o modo pelo qual os pesquisadores se apropriam das construções teóricas e metodológicas em Representações Sociais definem, pois, outros rumos às pesquisas

nesse campo de conhecimento. Nesse sentido, a aproximação entre Representações Sociais e Meio Ambiente está situada num limitado e ainda frágil tecer teórico-metodológico.

O interesse nessa pesquisa é que o foco dessas pesquisas (Representações Sociais e Meio Ambiente) possam se associar aos estudos interdisciplinares e consolidar um outro modo de analisar as questões ambientais. Se há convergências e partilhas sobre um determinado elemento sociocultural, logo, é possível entendendo seus mecanismos, mais bem delinear ações no sentido de compreender seu funcionamento, sua natureza e dinâmica.

A predominância de reconhecer a convergência metodológica na pesquisa em ciências ambientais implica em inovar as tradições de pesquisa predominantes e superar o reducionismo da disciplinarização monolítica. Não existe processo mais adequado para o entendimento desse tipo de situação do que a identificação de “vazios conceituais e metodológicos” vividos por quem pesquisa em ciências ambientais.

As ciências ambientais em sua complexidade de elaboração teórica e metodológica podem se apropriar desses resultados com a finalidade de ampliar sua potencialidade de pesquisa, intervenção e mobilização social, tecnológica e sustentável. Para o Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal de Sergipe esses pontos de reflexão implicam em desafios promissores, quais sejam a) abrangência mais larga de objetos de natureza psicossociais, sem estabelecer culturas científicas de monopólios teóricos; b) consolidar a formação interdisciplinar como objeto, também incluso, nas trajetórias metodológicas das pesquisas em Representações Sociais; c) ampliar os resultados das pesquisas em consonância com os contextos em que foram originadas. Isso implica em absorver valoração e reconhecimento dos grupos sociais, dos quais a legitimação de conhecimentos e produtos culturais ou científicos reflitam a partilha de ações, práticas e avanços necessários. Por fim, consideramos importante essas análises dentro das ciências ambientais na medida em que poderemos ampliar a realização de pesquisa efetivamente significativas para os grupos marginalizados, alienados, ainda, pela prática hegemônica da ciência em sua situação de usufruto e dominação.

## 1.2 Vidas de pescadores

Escrever sobre Vidas de Pescadores é no mínimo desafiador. Esta parte da dissertação tem como finalidade discorrer sobre as identidades, estilos de vida e modos de existência de pescadores considerando-os como grupo social específico, demarcado pelo universo de uma cultura própria: a cultura de pescador. Para isso, encontramos nas abordagens biográficas e na etnografia cultural o fundamento mais adequado para compreender esse universo de produção de vida, de identidades e de cultura. Não é foco dessa pesquisa apresentar estudos sobre a atividade pesqueira de modo a caracterizá-la previamente dentro de um plano de análise que antecede a experiência de campo ao estilo etnográfico.

Por isso, entendemos por vidas de pescadores o conjunto de experiências, memórias e vivências constituídas pelos pescadores como resultado de suas experiências de vida, suas itinerâncias, errâncias e sentidos. Esse tipo de definição não se afasta da ideia segundo a qual a vida de pescador é um elemento sociocultural de rica expressão e com características singulares que caracterizam um modo próprio de ser e expressar experiências com e entre a natureza. Nesse processo, vidas de pescadores é empregada no plural porque são as histórias de vida de uma coletividade que se expressam como referências a um todo individualizado, coletivo, o grupo de pescadores e suas representações e imaginário.

Inicialmente, o termo vidas de pescadores é um termo que preanuncia a concentração de interesse em torno às abordagens biográficas. A origem das abordagens biográficas se inicia com a sociologia americana. É na Escola de Chicago que surgem as discussões iniciais sobre as crescentes crises de legitimação do reconhecimento científico do campo das ciências humanas e sociais. Nesse sentido, foi importante elemento desse contexto a influência da antropologia cultural e da sociologia qualitativa na determinação de assumir cientificamente a legitimação do método biográfico. Lê-se:

A abordagem biográfica, desde sua origem, está situada dentro de um pluralismo metodológico. História de vida, história oral, relato de vida, autobiografia dentre outras designações farão parte de uma polêmica que terá como centro de debates a reflexão sobre a principal finalidade dos métodos biográficos dentro das pesquisas sociais. A discussão sobre as diferenças entre história de vida e relato de vida tem sido considerada como uma das principais polêmicas que o método biográfico gera em sua estruturação epistemológica. A ambiguidade atribuída à função e ao caráter específico da história de vida e do relato de vida aparece como sendo uma das primeiras polêmicas. A confusão consiste em tomar a história de vida ora como método, ora como técnica de pesquisa; outras vezes, o relato de vida é tomado como mais específico e menos complexo do que a história de vida etc. O debate é tão provocativo que Berteaux chegou a levantar a seguinte

questão: “Mas, por que falar em “abordagem biográfica” e não em “método de relatos de vida”? Ela é incerta no futuro...” (1980: p.4). Entretanto, o que está em questão não é somente o caráter de novidade que a abordagem biográfica traz para as ciências sociais, mas, sobretudo, o fato dela erigir um novo procedimento sociológico (SOUZA, 2007: p. 65-66).

Existe, pois, um caráter interdisciplinar nas abordagens biográficas. O caráter interdisciplinar dos métodos biográficos é considerado por Finger (1984) como sendo fundamental para as inúmeras possibilidades de leituras sobre uma considerável gama de aspectos da cultura. Não cabe apenas aos métodos biográficos, a descrição da vida de um sujeito, ou de um grupo de sujeitos, mas, sobretudo, a sistematização de uma fecunda leitura sociocultural sobre os meandros de uma cultura em formação.

Gaston Pineau e Jean-Louis Le Grand (1993) definem a História de Vida como pesquisa e construção de sentido a partir de fatos temporais pessoais que implica num processo de expressão da experiência<sup>3</sup>. Foi graças à utilização da história de vida em pesquisas diversas, que os fenômenos sociais puderam ser vistos como processos e não apenas como produtos. O aumento de interesse dos cientistas sociais pela história de vida demarca uma substancial passagem da importância de uma vida particular, reduzida ao seu próprio estado de constituição grupal, familiar ou comunitária, para a valorização de experiências coletivas de grupos humanos, propiciando a necessidade de singularizar o vivido e torná-lo propício à apreensão de aprendizagens dos mais variados componentes da cultura, do social e da existência de uma determinada circunstância histórica.

Por isso mesmo, o estudo das vidas de pescadores aproxima o campo de pesquisa em abordagens biográficas, o estudo do imaginário, das memórias e das representações sociais. É óbvio que as tradições, aqui elencadas, perfazem um conjunto de ações na produção de conhecimento de natureza interdisciplinar. Nesse caso, é importante ressaltar que quando falamos em vidas de pescadores, relacionamos a temática com as questões ambientais e a noção polêmica da sustentabilidade.

As práticas pesqueiras desenvolvidas e utilizadas pelas comunidades ribeirinhas no que se refere ao funcionamento de apropriação, uso e gestão dos recursos naturais podem ser adotados como referência à construção de dispositivos políticos, estruturais e formais em

---

<sup>3</sup> Lê-se em *Histoire de Vie* (1993): “L’histoire de vie est définie ici comme recherche et construction de sens à partir de faits temporels personnels, elle engage un processus d’expression de l’expérience...” (p.3).

torno da ideia de sustentabilidade local? Esse questionamento desperta o interesse de pesquisadores em diversas ciências (ambientais, sociais aplicadas, humanas e engenharia, por exemplo) pela ampla potencialidade de produzir inovações no desenvolvimento de programas, projetos e planos de desenvolvimento participativo e participante.

Essa linha de investigação tem mostrado que, se o respeito pelo uso sustentado dos recursos torna-se algo compartilhado pela comunidade, aumentam as chances de êxito de formas de gestão capazes de favorecer o alcance simultâneo de uma distribuição mais equitativa da riqueza gerada e de aumento das margens de sustentabilidade dos recursos da comunidade (Diegues, 1994). Estabelecendo uma relação entre os ambientes e o modelo de desenvolvimento adotado pela comunidade, concebe-se um ambiente não só como meio físico biótico, mas também social e cultural. Sob a presidência de Gro Harlem Brundtland, primeira-ministra da Noruega, a Comissão preparou, em 1987, um dos mais importantes documentos do tempo atual (o Relatório Nosso Futuro Comum, também denominado Relatório Brundtland (CMMAD, 1988), responsável pelas primeiras conceituações oficiais, formas e sistematização sobre Desenvolvimento Sustentável). Esse relatório, como estratégia de desenvolvimento à sustentabilidade, define o “desenvolvimento sustentável como desenvolvimento que satisfaz as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das futuras gerações de satisfazerem as suas próprias necessidades”.

O relatório Brundtland parte das causas dos problemas socioeconômicos e ecológicos da sociedade global. Reforça a interligação entre economia, tecnologia, sociedade e política para que seja instalada uma postura ética, caracterizada pela responsabilidade tanto entre as gerações quanto entre os membros contemporâneos da sociedade atual. O relatório apresenta um conjunto de medidas que deve ser orientado tanto nacional como internacional.

Nas medidas nacionais devem: a) limitar o crescimento populacional; b) garantir a alimentação a longo prazo; c) garantir a preservação da biodiversidade dos ecossistemas; d) estimular a diminuição do consumo de energia e desenvolvimento de tecnologias que admitam o uso de fontes energéticas renováveis; e) aumento da produção industrial nos países não industrializados à base de tecnologias ecologicamente adaptadas; f) controle da urbanização selvagem e integração entre campo e cidades menores; g) as necessidades básicas devem ser mantidas.

Para as medidas internacionais, sugere-se que: a) as organizações do desenvolvimento devem adotar a estratégia do desenvolvimento sustentável; b) a comunidade internacional deve proteger os ecossistemas supranacionais como a Antártica, os oceanos e o espaço; c) guerras devem ser banidas; d) a ONU deve implantar um programa de desenvolvimento sustentável. Todavia, a grande diversidade de concepções e princípios da sustentabilidade não permite a escolha de uma única direção a respeito do desenvolvimento sustentável.

Dá-se a impossibilidade segundo a qual a exigência de sustentabilidade não pode assegurar a conservação de cada espaço natural, de cada local, exigindo da economia local um limite de seu desenvolvimento somente com as possibilidades de seus recursos. Para Cavalcanti (1997), sustentabilidade significa a possibilidade de se obterem continuamente, condições iguais ou superiores de vida para um grupo de pessoas e seus sucessores, em dado ecossistema. O conceito de sustentabilidade equivale à ideia de manutenção do sistema de suporte devida. Significa comportamento que procura obedecer à manutenção da vida em sua diversidade, multiplicidade e inter-relação. Basicamente, trata-se do reconhecimento do que é biofisicamente possível em uma perspectiva de longo prazo. Enfim, o princípio da sustentabilidade do todo só pode repousar na sustentabilidade conjunta de suas partes. Há que considerar não só os aspectos materiais e econômicos, mas o conjunto que compõe o fenômeno do desenvolvimento: os aspectos políticos, sociais, culturais e físicos. Lê-se:

[Sustentabilidade] é “a relação entre os sistemas econômicos humanos dinâmicos e os sistemas ecológicos mais abrangentes, dinâmicos, mas normalmente com mudanças vagarosas, na qual: a) a vida humana possa continuar indefinidamente, b) as individualidades humanas possam florescer, c) a cultura humana possa desenvolver, d) os efeitos das atividades humanas permaneçam dentro de limites a fim de que não destruam a diversidade, complexidade e funções do sistema ecológico de suporte da vida”.(Costanza, 1991: 114)

Logo, é possível afirmar que estamos diante de diferentes formas de sustentabilidade: econômica, social, política, cultural, institucional e ambiental (recursos naturais). Assim, são estabelecidos alguns critérios gerais que suportam a sustentabilidade: adaptação, ajustamento, diversidade e equidade. A adaptação é um dos pontos principais da teoria ecológica. Do ponto de vista biológico, refere-se às mudanças genéticas que conferem à espécie um maior sucesso reprodutivo. É um processo no qual tempo e interação são componentes necessários. Para Moran (1990: 95), “adaptação é um processo compreensível em um nível específico”. Estratégias são desenvolvidas por sociedades que têm uma relação com o meio ambiente. Tais

relações apresentam variações do meio ambiente de acordo com o seu relacionamento, podendo ocorrer em dois níveis: individual e sociocultural, o que leva a desenvolverem-se estratégias culturais. Na adaptação são consideradas as estratégias culturais, os critérios demográficos, os critérios nutricionais e a eficiência energética.

O ajustamento, como critério para a sustentabilidade ambiental, requer que as populações tentem se localizar espacialmente próximas de suas atividades, definindo uma estrutura social. Dessa forma, influem na estrutura social e nos padrões de comportamento da população. A mobilidade tem sido importante para determinados grupos indígenas, que pode estar ligada à relativa importância da caça, em comparação com a pesca. A mobilidade espacial quando é realizada na forma de exploração sazonal de recurso transforma-se em um traço característico de determinadas comunidades.

A diversidade e a equidade dos sistemas biológicos e sociais terão maior capacidade de sustentabilidade quanto maior for a sua diversidade de espécies e de etnias, bem como de elementos econômicos, políticos, sociais, culturais e institucionais. Dessa forma, constituem parâmetros globais para a sustentabilidade: o estoque de capital natural, a capacidade de regeneração do estoque do capital natural renovável, o estoque do recurso não renovável e a alternativa de substituição industrial do recurso não-renovável.

O uso contínuo do conceito de desenvolvimento sustentável alerta para a necessidade de se refletir sobre o desenvolvimento como um processo assegurador de sobrevivência em relativas condições, garantindo uma qualidade de vida no tempo e no espaço, o qual suporta a relação que deve existir entre o homem como membro de uma sociedade, seu desenvolvimento econômico e seu ambiente natural. Assim, a sustentabilidade ambiental, principalmente de comunidades ribeirinhas, desenvolveu-se por meio de comportamentos éticos, nos seus aspectos culturais, mantendo uma preocupação na conservação e preservação da vida e do ambiente. A sustentabilidade é um processo que implica em um ajuste social e econômico com métodos e técnicas, para que a natureza atenda às necessidades básicas da comunidade.

As comunidades ribeirinhas caracterizam-se pela diversidade de suas atividades produtivas, atributo que assegura sua sobrevivência, contanto que essa diversidade de produção esteja relacionada com o padrão de necessidades e recursos disponíveis no local. Nesse mesmo princípio, a sustentabilidade ecológica emerge com grande força e persistência ao interesse público como efeito direto do caráter catastrófico e recorrente com o qual a

insustentabilidade ecológica se tem feito sentir, sobretudo depois da segunda guerra mundial, diante da expansão das tecnologias de amparo à forma de desenvolvimento dominante nos países que optaram pela industrialização em grande escala.

Daí que se pode dizer, com toda razão, que o conceito de sustentabilidade sugere a causa dos efeitos da insustentabilidade. A sustentabilidade como conceito está ancorada em uma problemática econômica e de recursos físicos esgotáveis, que seria um suporte à sobrevivência da humanidade no futuro dentro do sistema econômico dominante. Por outro lado, Sachs (1980: 38) afirma que “trata-se de buscar soluções locais aos problemas globais, valorizando do melhor modo possível as potencialidades de cada ecossistema, os recursos específicos do mesmo e as contribuições de cada cultura”.

Quando se fala em sustentabilidade, é necessário definir qual é a amostra da unidade de análise (o econômico, em geral, o psíquico, o cultural, o social, o ambiente ecológico) em concreto? Enfim, qualquer análise da sustentabilidade ecológica, feita desde a política, a econômica até moral, é fragmentada e realizada com prejuízos. A natureza pode existir sem o ser humano. De fato, o homem é um fenômeno recente na evolução e depende irremediavelmente dela. Ele é apenas um apêndice de que o conjunto unitário pode prescindir, seguramente, havendo seus ajustes internos, porém nunca o inverso.

Nesse sentido, as discussões de conservação da biodiversidade são respaldadas em estudos com ênfase na ecologia cultural, principalmente no sistema tradicional de manejo de recursos. Durante a ECO-92, um instrumento de direito internacional, a Convenção da Diversidade Biológica (CDB) provocou uma das mais polêmicas discussões ocorridas em eventos internacionais, onde se presenciaram posições de países desenvolvidos tentando garantir, pelas tecnologias, o patrimônio genético pertencente à humanidade. Assim foi que se estabeleceram os objetivos da Convenção da Diversidade Biológica, priorizando a conservação da diversidade biológica; o uso sustentável de suas partes constitutivas e a repartição justa e equitativa dos benefícios que advêm do uso dos recursos genéticos. Em seu artigo 8º, a CDB estabelece que os países-membro devem:

de acordo com sua legislação nacional, respeitar, preservar e manter o conhecimento, as inovações e as práticas das comunidades indígenas e locais que incorporam estilos de vida tradicionais relevantes para a conservação e o uso sustentável da diversidade biológica e que promovam sua aplicação mais ampla com o assentimento e envolvimento dos detentores desses conhecimentos, inovações e práticas e encorajem o compartilhar equitativo dos

benefícios resultantes da utilização desses conhecimentos, inovações e práticas.

Embora a expressão saber local englobe o saber tradicional, ela não é eventual. Para Cunha (1999: 56), “saber local como, aliás, qualquer saber, refere-se a um produto histórico que se reconstrói e se modifica, e não a um patrimônio intelectual imutável, que se transmite de geração a geração”. Pode-se achar que tanto quanto e talvez mais do que informações, é, sobretudo, presumir formas de aprendizado, de pesquisa e de experimentação. Logo, se entende que o saber tradicional é essa forma específica de se praticar ciência, então a palavra passa a ser equivalente à noção de local (Cunha, 1999).

No processo educativo o aprendizado envolve um trabalho de prática de todas as capacidades que promovem o desenvolvimento do ser humano. Para que efetivamente a educação seja estabelecida são necessárias a continuidade e a constante compreensão, interpretação e expressão da realidade. A localização, o processamento e a utilização de informações envolvidas no processo educativo devem estar vinculadas ao desenvolvimento sustentável.

Logo, a participação da comunidade é decisiva, por deter o saber local. Maybury-Lewis (1997), considerando a especificidade da questão agrária, a partir do Estado do Amazonas, enquanto referência de sua pesquisa reflete sobre os caminhos que poderão mitigar as dificuldades pelas quais passam ribeirinhos e outros segmentos da Amazônia. O autor examina os problemas envolvendo os recursos naturais, especialmente as questões relacionadas com a terra e a água; observa como a questão agrária afeta a população rural ribeirinha, e chama a atenção para os efeitos negativos da falta de peixe na economia doméstica dessa família, como fator que desestabiliza esse tipo de economia.

Analisando o centro das comunidades ribeirinhas, o autor observa que elas se envolvem, frequentemente, com muito fervor, em atividades religiosas comunitárias, organizadas ou pela Igreja Católica ou pelas Igrejas Protestantes Fundamentalistas. Tal religiosidade comunitária pode ser mobilizada para finalidades que não são *stricto sensu* religiosas: como a organização de um sindicato de trabalhadores rurais. No entanto, o acesso dos membros das comunidades ribeirinhas ao sistema formal educacional coloca realmente a questão da aprendizagem de novos saberes, novas relações ao saber e novas formas institucionais de vida. Entretanto, essa assimilação é baseada em parte no saber local. Obviamente, que uma aprendizagem prática, baseada na interpretação do formal, do informal

e do não formal é um trabalho de empilhar, um constante trabalho de sedimentação de integração de novos métodos de compreensão da vida social. O fato de participar da comunidade não se estabelece como uma adesão às normas e valores próprios da cultura local, mas sim a processo ativo de construção e realização de uma nova identidade. Berthelot (1983: 122) referiu-se assim a esse saber:

um saber só pode desenvolver sua afetividade prática se for assimilado, isto é, não somente conhecido, mas transformado através dos gestos e atos de um indivíduo em operações integradas em determinada prática. Enquanto tal, um saber nunca se limita a ser transmitido; é sempre objeto de um processo de incorporação que, enquanto implica o indivíduo em sua totalidade, é simultaneamente processo de socialização, isto é, processo de produção do ser biológico como ser social.

Portanto, são consideradas populações tradicionais aquelas comunidades que dependem culturalmente do extrativismo dos recursos naturais e que ocupam ou utilizam-se de uma mesma área geográfica há várias gerações, de forma tal que não provocam alterações no meio ambiente, isto é, são partícipes da natureza. Essas comunidades são consideradas, pelas suas peculiaridades sociais e culturais, como capazes de transmitir saberes e vivências no uso de recursos naturais, baseado no conhecimento acumulado e a permanente relação com a natureza.

Entretanto, muitas dessas comunidades são substituídas por programas de desenvolvimento que inevitavelmente caminham para a degradação ambiental. O “conhecimento tradicional, as inovações e práticas” de “comunidades locais incorporando estilos de vida tradicionais” são frequentemente referidos por cientistas como Conhecimento Ecológico Tradicional (Traditional Ecological Knowledge (TEK)) definido por Gadgil et al.,(1993: 79) como “um corpo cumulativo de conhecimento e crenças, passado adiante através das gerações pela transmissão cultural, acerca das relações dos seres vivos(incluindo os humanos) entre si e com seu ambiente”.

Denota-se uma preocupação geral em torno da sustentabilidade de comunidades locais em termos sociais, ambientais e econômicos. As atividades humanas parecem ser as causas mais comuns atingindo as comunidades ribeirinhas, porque a excessiva pesca predatória e o turismo desorganizado têm levado à alteração de hábitat e à perda da biodiversidade. Algumas das alterações ambientais têm sido consideradas como sendo induzidas pelos homens, por exemplo, a poluição dos rios, o desbarrancamento de suas margens, as queimadas, a diminuição da pesca e outros.

A comunidade ribeirinha de Ilha das Flores é reconhecida pelas características atribuídas por Diegues (1996) para culturas e sociedades tradicionais, apresentando: modo de vida, dependência e até simbiose com a natureza, os ciclos naturais e os recursos naturais renováveis; conhecimento aprofundado da natureza e de seus ciclos que se reflete na elaboração de estratégias de uso e de manejo dos recursos naturais.

Esse conhecimento é transferido de geração em geração por via oral; noção de território ou espaço onde o grupo social reproduz-se econômica e socialmente; moradia e ocupação desse território por várias gerações, ainda que alguns membros individuais possam ter-se deslocado para os centros urbanos e voltado para a terra de seus antepassados; importância das atividades de subsistência, ainda que a produção de mercadorias possa estar mais ou menos desenvolvida, o que implica uma relação com o mercado; reduzida acumulação de capital; importância dada à unidade familiar, doméstica ou comunal e às relações de parentesco ou compadrio para o exercício das atividades econômicas, sociais e culturais; importância das simbologias, mitos e rituais associados à caça, à pesca e atividades extrativistas; a tecnologia utilizada é relativamente simples, de impacto limitado sobre o meio ambiente. Há reduzida divisão técnica e social do trabalho, sobressaindo o artesanal, cujo produtor (e sua família) domina o processo até o produto final; fraco poder político, que em geral reside com os grupos de poder dos centros urbanos e auto identificação ou identificação pelos outros de se pertencer a uma cultura distinta das outras.

Isso remete para a seleção de dados, informações e análises que possam apontar as alternativas da comunidade diante das condições de vida. Então, para entender os fatores ambientais que agem na comunidade, podem-se abordar, simultaneamente, dois aspectos: condição de vida e experiência de vida. As condições de vida da comunidade ribeirinha apontam uma determinada situação socioeconômica e de acesso às políticas públicas, determinando, ao mesmo tempo, o surgimento de alguns problemas referentes à educação, saúde, meio ambiente e outros. Cunha (1996: 99) refere-se às condições de vida como “campo de ação no qual os sujeitos se movem e atuam, buscando formas de enfrentamento dos problemas e de suas condições como um todo”. Para o conceito de experiência de vida, Thompson (1981: 41) enfatiza que:

os homens e mulheres retornam como sujeitos, dentro deste termo - não como sujeitos autônomos, indivíduos livres "mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas

determinadas como necessidades, interesses e antagonismos é em seguida 'trata' essa experiência em sua consciência e sua cultura (as duas outras expressões excluídas pela prática teórica) das mais complexas maneiras (sim, relativamente autônomas) e em seguida (muitas vezes, mas nem sempre, através das estruturas de classe resultantes) agem, por sua vez, sobre sua situação determinada.

Nesse sentido, busca-se compreender o que o ser humano sente sobre o lugar e o espaço considerando as diferentes maneiras de vivenciar e interpretar esse espaço, o espaço e lugar com relação aos sentimentos e emoções dos indivíduos. Os ribeirinhos, seres humanos instalados às margens dos rios, desenvolvem permanentemente uma estreita relação com o ambiente, a qual se manifesta numa intensa interação. Isso pode ser revelado em diversos aspectos do cotidiano em relação à conservação do solo, da água, da fauna e da flora que caracterizam a condição sociocultural das comunidades tradicionais. O fato de ocupar a margem do rio São Francisco possibilitou-lhes adaptações às condições ecológicas existentes. Nesse sentido, de acordo com Tuan (1980), uma estreita relação inclui os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente. É exatamente isso o que ocorre quando se analisa o lócus de vivência das comunidades ribeirinhas instaladas às margens do rio São Francisco.

A população está formada por uma mistura de pescadores e agricultores. Entretanto, a maioria é constituída de agricultores, com sua ocupação principal: o plantio do arroz. Com frequência têm as duas aptidões: pescadores e agricultores. As comunidades possuem obrigatoriamente uma escola, sendo este o instrumento mais importante das mesmas, que pode ser estadual ou municipal, oferecendo as séries iniciais, o ensino fundamental e o médio, e, em algumas, programas especiais, como supletivo, ou até mesmo classes de aceleração, que são alternativas de recuperação. Aparentemente, as escolas funcionam bem. Existe informalmente uma associação de pais que se ocupa da manutenção física da escola.

O ribeirinho pescador enfrenta a legislação pesqueira que é feita sem ouvir as pessoas da região, resultando em decretos, portarias e resoluções que não atendem aos interesses dos pescadores nem do ambiente. De toda forma, os pescadores ribeirinhos de Ilha das Flores aí se desenvolveram e permanecem como verdadeiras testemunhas das modificações que gradativamente foram acontecendo na região. Apesar de tudo, são fortemente impregnadas de uma sabedoria que só se adquire na convivência com elementos que são comuns na sua história. Elementos que permeiam o cotidiano dessas comunidades e que remetem para uma preocupação com a continuidade das mesmas, das suas diversidades culturais, biológicas e sociais.

Por fim, a importância do conhecimento tradicional dos pescadores ribeirinhos de Ilha das Flores está na revelação das relações ecológicas, econômicas e culturais. Baseia-se em que os ribeirinhos possuem experiência na conservação e preservação da diversidade biológica e ecológica, que estão atualmente sendo destruídas. Eles podem continuar a ensinar a valorizar as relações entre o homem e a natureza. Entretanto, somente se essas comunidades sobreviverem é que se pode aprender a dar a eles igual status no futuro. As comunidades ribeirinhas desempenham fundamental papel na conservação da biodiversidade do rio São Francisco.

## **2 METODOLOGIA DA PESQUISA**

## CAPÍTULO II

### METODOLOGIA DA PESQUISA

Esta pesquisa tem como método a etnografia. Para André (2000: 28) a etnografia é a descrição de um sistema de significados culturais de um determinado grupo. Nesse caso, a pesquisa etnográfica tem como característica a valorização do senso comum para a compreensão do social e o observador procura interpretar aquilo que o sujeito já havia interpretado dentro do seu universo simbólico. É um estudo de significado da “vida diária” (Lima, 1996), ou seja, é ouvir as vozes dos pescadores que ficam inaudíveis diante das certezas de dogmas que prevalecem em determinados contextos sociais.

Predominantemente essa pesquisa possui a abordagem qualitativa de pesquisa. A pesquisa qualitativa tem suas raízes no final do século XIX, mediante os questionamentos dos métodos positivistas clássicos nos estudos dos fenômenos humanos e sociais. A abordagem qualitativa possui demarcação subjetiva, mas não se limita a ela. Nas expressões de Angrosino e Flick (2009: p. 8) a pesquisa qualitativa se propõe “[...] esmiuçar como as pessoas constroem o mundo à sua volta [...]”. Neste sentido, a pesquisa qualitativa realiza-se no contexto em que ocorre o fenômeno, nas suas relações naturais, cotidianas.

Denzin e Lincoln (2006) consideram a pesquisa qualitativa como fundamental na construção de novas lógicas na produção de conhecimento científico. A pesquisa qualitativa é naturalista e interpretativa. Isso significa que os pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem.

A etnografia busca compreender os significados atribuídos pelos próprios sujeitos ao seu contexto de origem e de vida. A pesquisa etnográfica se utiliza de técnicas voltadas para descrição densa do contexto estudado (Hammersley e Atkinson, 1994).

Moreira e Caleffe (2006) descrevem a etnografia como portadora de características singulares: focar o comportamento social no cenário. Nesse caso, é significativo dedicar-se às observações e interpretações feitas no contexto da totalidade das interações humanas. Os resultados da pesquisa são interpretados com referência ao grupo ou cenário, conforme as interações no contexto social e cultural e a partir do olhar dos sujeitos participantes da pesquisa.

A etnografia clássica tem origem com Malinowski (1884 – 1942). Kendall (1984) considera a etnografia como importante abordagem de pesquisa. Quanto à ideia de método de pesquisa etnográfico, André (1995) declara que esse tipo de método se dedica à observação, a dar ênfase no processo e não no produto. Observe-se:

A pesquisa do tipo etnográfico, que se caracteriza fundamentalmente por um contato direto do pesquisador com a situação pesquisada, permite reconstruir os processos que configuram a experiência [...]. Por meio de técnicas etnográficas de observação participante de entrevista intensiva, é possível documentar o não documentado, isto é, desvendar os encontros e desencontros que permeiam o dia a dia [...], descrever as ações e representações de seus atores sociais, reconstruir suas linguagens, suas formas de comunicação e os significados que são criados e recriados no cotidiano [...] (p. 41).

[  
Essa pesquisa é predominantemente qualitativa, mas apresenta análises com base em quantitativos de informações teóricas produzidas na área sobre o objeto de pesquisa. Para Maanen (1979, p. 520) a pesquisa é qualitativa por assumir diferentes significados que objetivam traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social; trata-se de reduzir a distância entre indicador e indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação. Bicudo (1997) pondera que na pesquisa qualitativa a ênfase é dada no processo de articulação entre os elementos peculiares do fenômeno (ou acontecimento, ou evento), suas estruturas e expressões e as características relacionais que constituem as nuances do objeto de pesquisa. Em outras palavras, o pesquisador qualitativo se direciona à processualidade, dinâmica, temporalidade e historicidade do objeto na sua relação com os sujeitos que o explicitam. Na pesquisa em meio ambiente a pesquisa qualitativa tem sua importância porque expressa a relação homem e natureza de modo intrínseco a sua estruturação.

A parte empírica dessa pesquisa foi realizada no período correspondente a fevereiro de 2012 a fevereiro de 2013. Participaram desse estudo vinte pescadores da Associação de Pescadores do Povoado Serrão – Ilha das Flores - SE. Os principais instrumentos de coleta de

informações utilizados foram as entrevistas semidirigidas, entrevistas livres, observação participante ativa, relatos de vida e diário de campo.

A entrevista semidirigida teve como objetivo a recolha das experiências de vida dos pescadores. A finalidade desse instrumento foi descrever as imagens, conceitos, ideias e concepções partilhadas pelos pescadores. Esse momento consistiu em possibilitar a expressão, registro e análise partilhada e livre entre pescadores e pesquisadora. Para alcançar esse objetivo foram propostas as seguintes estruturas: poucas perguntas diretas e a fala livre dos pescadores, com a preocupação de não se afastar do tema. Quando essa fuga ocorreu foi feita a intervenção de modo gentil para manter a leveza e espontaneidade da entrevista.

A entrevista livre (ou informal) objetiva uma visão geral do problema pesquisado. Possui características importantes para esse trabalho: é quase uma conversa (Gressler, 2004). Pode-se dizer que a entrevista livre foi à busca da caracterização dos pescadores, suas histórias de vida, suas memórias, seus relatos e “causos”. Para Triviños (1987) “[...] depois de todas as conversas familiares com indivíduos do grupo social, o pesquisador se tornará mais ou menos conhecidos por todos [...]” (p.147)

A pesquisa envolveu a observação do tipo participante ativa (Macedo, 2000). Esse tipo de pesquisa tem como base a observação. Nesse sentido “o pesquisador se esforça em desempenhar um papel e em adquirir um status no interior do grupo [...], o que lhe permita participar ativamente das atividades como membro aceito” (idem: p. 157).

Os relatos de vida foram registrados em conjunto ao diário de campo. Ambos foram usados com o objetivo de recolher informações pessoais, relativas à história de vida dos pescadores e a todo processo da pesquisa. Desse modo, eles representam parte importante da pesquisa. Os relatos de vida se baseiam em uma espécie de narrativa nas quais os pescadores fazem sobre sua trajetória profissional e pessoal no exercício da prática pesqueira. Autores como Berteaux (1980) e Pujadas (1992) vêm discutindo a relevância desse tipo de instrumento de pesquisa. Souza (2007) afirma:

Em diversas áreas de conhecimento a utilização da história de vida traz contribuições inquestionáveis. Na sociologia francesa, Daniel Berteaux em *Historie de vie ou récits de pratiques? Méthodologie de l'approche biographique en sociologie* (1976), explicita que o trabalho biográfico deve se orientar no sentido de analisar as práticas e os processos sociais pela obtenção de um “relato de vida” sustentado por um “relato de práticas”. (p. 69)

Participaram da pesquisa vinte pescadores, todos do sexo masculino, com idade entre vinte e cinco e sessenta e cinco anos de idade. A pesquisa foi desenvolvida na Associação de Pescadores do Povoado Serrão – Ilha das Flores, Sergipe. Essa Associação foi constituída em 09 de agosto de 1995, sob registro de protocolo nº 1544, página 44v, apresentado em 23 de abril de 2004 no Oficial do Registro Civil, Título e Documentos da Comarca de Ilha das Flores – Sergipe, sob a forma de Sociedade Civil, constituindo-se como Pessoa Jurídica de Direito Privado com objetivos públicos, sem fins lucrativos, dotada de autonomia patrimonial, administrativa e financeira sem prazo determinado de duração.

Os pescadores são cadastrados na Colônia de Pesca que fica situada em Neópolis, Sergipe. Esse cadastro garante o benefício (seguro) durante o período do defeso que dura quatro meses. O defeso inicia-se em primeiro de novembro e finaliza-se no dia vinte e oito de fevereiro de cada ano. A escolha pela referida Associação e grupo de pescadores, deu-se pelo fato de ser a pioneira no município e por todos os pescadores, efetivamente, pescarem.

Esta pesquisa foi desenvolvida em três etapas. A primeira etapa foi destinada a organização inicial das ideias e da escolha do tema. Nessa parte a leitura de obras completas, artigos em periódicos e sistematização de compreensão dos conceitos centrais da pesquisa foram construídas a partir da pesquisa bibliográfica. A pesquisa bibliográfica é entendida como um modelo composto de referências teóricas que tratam originalmente de um determinado tema de estudo (Oliveira, 2011).

A segunda etapa da pesquisa foi a vivência em campo com os pescadores, na qual busquei ouvi-los com serenidade para compreender as relações que os pescadores tem com o rio, com a canoa, com a rede que não é somente a da pesca, mas de significados que envolvem a atividade pesqueira. Nesse momento ocorreram contatos diretos com as descrições da vida diária na profissão de pescador. Por fim, esse momento foi rico em trocas de informações e resultou na maior parte do trabalho de pesquisa, uma vez que os depoimentos e/ou relatos de pescadores possibilitou reunir um arsenal de informações pertinentes à resolução do problema de pesquisa.

A terceira etapa foi destinada a análise e interpretação dos resultados da pesquisa. Por isso mesmo, pude desenvolver planos de reflexões nos quais exercitei a apreensão do objeto de pesquisa e em sua caracterização singular. Utilizei os relatos de vida em conjunto aos meus próprios relatos de campo como pesquisadora. Por isso, toda essa parte é permeada de

descrições de cenas, cenários, contextos. Assim sendo, a pesquisa etnográfica procurou sedimentar reflexões vividas sem alienar-se a reflexões meramente teóricas.

### **3 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS**

---

## CAPÍTULO III

### ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Esta parte da dissertação teve início no processo de aproximação com a incursão no trabalho de campo. Desde seu início, construí memórias da vivência como processos autoformativos que muito me ensinaram sobre a vida de pescador. Logo eu, “menina das águas doces”, ligada às curvas do Rio São Francisco, sua vida e belezas naturais, encontrei-me com a necessidade de tornar parte de minha própria história de vida, objeto de estudo.

A sistematização científica é um trabalho árduo. Durante as minhas interações com os sujeitos participantes desse estudo procurei viver duas diferentes realidades: a necessidade de responder às questões norteadoras que embasou a formalização da pesquisa e a necessidade não menos importante de reviver, como observadora e pesquisadora, parte de minha própria história de vida, quando em contatos frequentes com os pescadores e o Rio São Francisco na minha terra natal.

Os resultados e análises da pesquisa foram agrupados nesse capítulo da dissertação de modo mais etnográfico possível. Sendo formal, é criativo; sendo científico exprime esperanças e vidas, sem manter as ilusões de falsas realidades; sendo vívido, é inconcluso. Não apresento categorias de análise, nem tampouco dedico-me à explicações teóricas sobre o vivido. Dialogo com o real vivido do mesmo modo como o encontrei: narrado, sentido, partilhado, costurado junto como uma rede de pesca, como me inspiram os pescadores de Ilha das Flores, Sergipe. Por isso mesmo, deixo-me seduzir por uma ciência carregada de vida, cheia de afetos e de histórias, memórias e suas capacidades de tornar educativo cada um dos momentos partilhados.

Assim, o primeiro contato com o objeto da pesquisa ocorre de mim para mim mesma. Um susto! Como começar? O que dizer? Como exprimir tamanha caracterização pessoal sem não deixar de dialogar com a ciência e suas práticas de socialização de conhecimentos? Então,

percebi, desde o início, que a ciência é feita por homens, suas crenças, suas observações e a legitimação de processos que formalizam leis. E , nesse caso, essa pesquisa foi feita em parceria e pela interação com homens-pescadores, suas imagens, conceitos e modos de vida.

O modo como irei descrever a aproximação com a experiência de campo é muito particular. Registro impressões pessoais e partilhadas, comunico vivências, duvido de mim mesma, colocando em xeque as minhas verdades e dialogo com abertura de espírito com os pescadores e suas significações. De início, são minhas próprias memórias que se consolidam e se dissipam. Junto às memórias dos pescadores, encontro-me neles, junto com eles, refaço-me em historiografia não oficializada pela ciência, mas, sentida em nós pelas vivências e pertencimento. Essa pesquisa inclui registros e descrições de cenas, mas não se limita ao modo clássico de agrupa-los. Está, pois, assim compreendida:

O registro permite que vejamos a historicidade do processo de construção dos conhecimentos, porque ilumina a história vivida e auxilia a criação do novo a partir do velho. Oferece segurança porque relembra as dificuldades anteriores e a sua superação, dando coragem necessária para abandonar as certezas antigas e caminhar na direção do novo, da criação. (WARSCHAUER,1993; p. 63).

Nesse processo criador, minhas angústias de pesquisadora abriram-se para a cultura da pesca e da relação com o rio São Francisco. As primeiras conversas com os pescadores foram marcadas pela identificação do lugar no qual vivemos. Buscava, a todo momento, entender no que nos identificávamos: ali, na minha frente, os gestos, a fala, as posturas, o modo pacífico e forte, exprimiam uma realidade tão familiar e tão estranha ao mesmo tempo. Um dos principais movimentos da interação com os pescadores foi o constante acolhimento de minha presença entre eles, sem medos ou receios. Eu temia mais a mim mesma do que eles a mim. Aos poucos fui percebendo o universo de sentidos do qual me aproximava.

Nesse percurso, nos primeiros dias de partilhas em atividades de campo, o contato inicial de deu às margens do rio. É muito intenso todo esse processo. As imagens daquele momento ainda permanecem em mim. Estava sem gravador, deixando-me e dispondo-me na condição de membro ativo tornando-se familiar por ser estranho. Então, as primeiras palavras surgiram:

[uma longa pausa]. Antes o rio era mais estreito e mais fundo e tinha mais peixe porque tinha enchente e a enchente traz peixe e camarão. Hoje não tem mais enchente por conta das barragens. E é muito pescador no rio. De onde se tira que não se bota a tendência é acabar [silêncio] (Pescador 5).

Procurei não interferir na expressão simples de um homem maduro, de olhar vago, calmo. Ele falava com o olhar fixo ao longe. Sentia um misto de dor e de esperança. Estava entardecendo e nesse estado bucólico, a cada silêncio, faltavam-me as palavras e o “jeito” para continuar a pesquisa. Decidi, então, abandonar os velhos hábitos acadêmicos. Afinal de contas, eu era filha da cidade e descendente direta de pescador. Devia saber de algo tão meu, não? Não. Era difícil. A estranheza da situação fundou um aprendizado inesquecível: precisava abandonar as roupas já desgastadas e sem cor da academia e renovar minhas sensações e linguagem na origem de mim mesma.

Tudo começou quando eu sai de minha casa. Peguei meu caderno, minha caneta. A máquina fotográfica e falei pra minha mãe: “mamãe, estou indo pra beira do rio, fazer meu trabalho”. Então fui. A primeira sensação que tive foi que não daria certo. Poderia encontrar os pescadores resistentes. Eles poderiam se negar a dar resposta e interagir comigo. Cheguei à beira do rio de forma suave: jeito brejeiro, de chinela, bermuda, com jeito de pescador. Fui a um lugar chamado Ingazeira. Chegando lá encontrei alguns pescadores. Sentei num resto de uma velha canoa emborcada. Começamos a interagir. Perguntei se eles poderiam colaborar com a pesquisa. Expliquei detalhes sobre a mesma. Percebi que havia começado equivocadamente. Do lado de fora, vesti-me como pescador. Dentro, continuava vestida com as marcas acadêmicas. Puxa! Que difícil essa situação inicial. Estava precisando da ajuda deles e não sabia como obtê-la. Quando se é iniciante na pesquisa, aprende-se muito. Uma aprendizagem é não cogitar demais sobre nada, associado a não interferir com as lentes que se tem no modo como se vê a realidade e a experiência vivida. É preciso desnudar-se de tanta coisa.

Como o ponto de partida foi um choque, mais para mim do que para eles, procurei recomençar. Uma sensação estúpida. Queria ter me preparado. E, novamente, as marcas da academia se apresentavam. Quanto mais pensava em recomençar, mais e mais não sabia o que dizer e nem como me comportar. Para agravar o meu temor, de imediato, eles me perguntaram: “E aí, vem alguma melhoria pra gente?”. Minha insegurança foi evidente. Não havia melhoria. Não podia garantir resultados como eles desejavam: entrega de redes, motos, confecção de barcos. Nisso eu me sentia acuada. Não estava pensando em benefícios diretos. Pensava apenas em mim e nas informações que recolheria em campo. Sem respostas sinceras e temerosa, restou-me apenas a presença de um pescador (Pescador 5).

Na minha cabeça precisava recolher algo. Mas, como? A pesquisa etnográfica é tão formativa que desconstrói a nossa prepotência, qualquer que seja ela. Não sendo nem maior,

nem menor, ali, sentia isso na pele. “É preciso sair da pele que visto”, dizia a mim mesma, a todo instante. Consegui usando força descomunal. Aproximei-me do pescador e teci comentários sobre minhas posturas iniciais. Ele sorriu discretamente, abaixou a cabeça e disse: “É!”. Ri de tudo aquilo e me senti mais relaxada. Sentados na beira do rio, olhávamos o horizonte. O meu interlocutor direto fazia movimentação lenta com a cabeça. Sem agitação, mas com ar de mistério profundo. Desse contexto inicial, para mim, o que chamou a atenção foi o silêncio que predominava na interação. De repente, o pescador e suas incógnitas, começou a falar sobre o orgulho que sentia ao “guardar os dias Santos”. Permaneci, ouvindo. Após uma longa pausa, minutos inteiros, retomou:

Guardava os dias Santos. Até que um dia tive necessidade de pescar. Dia de Corpus Christi. Num costumava pescar, nem dia Santo, nem feriado. Mas nesse dia deu vontade de jogar uma redinha. Minha esposa até me pediu pra não ir. Ela disse: “rapaz, não vá não, fique em casa. Pra onde você vai?” E eu disse: vou pescar, mas volto logo, não vou pescar o dia todo, não. Quando cheguei na beira da maré vi aquele peixe se batendo. “Não vou perder o peixe” - pensei. Assim que enfiei a mão pra pegar o peixe a piranha arrancou os meus dois dedos indicadores. Eu peguei um pedaço de mato pra estacar o sangue e lembrei da minha mulher: pra que que vim pescar em dia santo? Devia ter ficado em casa. Desse dia em diante nunca mais pesquei em dia Santo. O rio levou um pedaço de mim. Tirei tanto dele, né? (Pescador 5).

Esse relato me chamou a atenção porque ao mesmo tempo era uma vivência pessoal, até trivial, do modo como esse pescador lidava com o rio São Francisco. Existiam ali normas, rituais e uma relação de comunicação entre os homens e a natureza. “O homem fez os dias Santos, a natureza do rio aceitou” (Pescador 5). Ele fez questão que eu registrasse os pedaços de si, ausentes nele, e no interior do rio. Dizia-me: “Veja, veja isso. Não sinto raiva. Estou lá no rio. O rio tá aqui em mim” (idem). Esse depoimento trouxe uma série de reflexões iniciais sobre o objeto de pesquisa que foram registradas em meu diário de campo. Lê-se:

Fiquei espantada com a necessidade de (Pescador 5) falar sobre isso. O que ele queria dizer? Como poderia compreendê-lo inteiramente, sem não desvalorizar a insistente demonstração de sua relação com o rio São Francisco? (**Diário de Campo**, março de 2012)

De imediato percebi que existia uma sacralização do rio. Recordei os meus estudos na pós-graduação e dos debates sobre a percepção ambiental, sobretudo, o modo como o homem se relaciona com a natureza. De imediato, veio-me à lembrança A Fenomenologia da Percepção (1971) de Merleau-Ponty. A mesma impressão que sentia observando o

movimento das experiências de vida de pescadores coincidia com as primeiras discussões de Merleau-Ponty sobre a relação homem-natureza, mediadas pelo fenômeno da percepção. Nesse caso, era preciso manter distância de uma visão cognitivista dos processos perceptivos e reconhecê-los como postura compreensiva do homem no mundo, com a natureza. Essa postura é, ao mesmo tempo, articuladora do estar no mundo enquanto um habitar, mediado pela corporeidade. É de um corpo que falávamos e nele, com ele, nos comunicávamos, interagíamos, percebíamos um ao outro.

Nesse sentido, ao me deparar com a questão do sagrado e com os movimentos de indisposição com os quais convivia, antes do trabalho de campo, fundamentei meu olhar pela desconstrução de “uma tendência cientista e ‘realista’ que pretendia separar na trama histórica, nas ações e comportamentos dos agentes sociais, o ‘verdadeiro’ e o ‘real’ daquilo que era ‘ilusório’ e ‘quimérico’” (BACZKO, 1984, p. 297). Estaria diante das primeiras manifestações de um imaginário sacral? Nesses termos, recordei de fragmentos de leitura, pontuadas em meu diário de campo quando Boia (1998) afirmava que “o imaginário reúne os compartimentos que a visão racionalista tendeu a dividir” (p. 37).

Na minha perspectiva estava contornando o objeto de pesquisa. Foi indispensável ocorrer tudo do modo como ocorreu para que, hoje, eu pudesse entender, a importância da formação científica na construção e desconstrução de conhecimentos, saberes e práticas sociais complexas. Nesse caso, o sagrado se expressava como imaginário e como representações, ou seja, ideias e conceitos em movimento. No que entendo por representação não comporta imagem parada, mas recriada e com significação própria. De outro modo, “o sentido do que aparece não está no sujeito que conhece nem na coisa conhecida, mas nos efeitos de sentidos que vão se constituindo no processo de conhecimento” (TEVES, 1992, p. 13 - 15).

No decorrer de minhas visitas ao campo de pesquisa, outras aprendizagens foram se desenvolvendo. Não me detive na questão do sagrado por muito tempo. Afinal, a minha busca era sobre as representações sociais de pescadores em relação ao meio ambiente. Em outras palavras: conceitos, ideias e imagens partilhados pelos pescadores a respeito das mudanças ocorridas no meio ambiente local, principalmente o rio São Francisco, considerando as histórias de vida de pescador e suas relações com tais mudanças. Assim, coloquei o problema de pesquisa de modo visível com a finalidade de não perder o foco do estudo.

Se não agisse desse modo, com essas escolhas, seria muito difícil concentrar esforços na conclusão dessa pesquisa. O universo de vida e a cultura de pescadores é fascinante.

Minha contribuição estava em trazer etnograficamente elementos novos para a pesquisa em ciências ambientais. Não era nem demonstrar validade de hipóteses, sua comprovação ou refutação; nem inferir resultados no campo das políticas públicas. Estava apenas procurando entender o movimento de vida de homens-pescadores com os vida movimentada do Rio São Francisco. Afinal, ocorreram processos importantes no limite dos últimos quarenta anos. Nos depoimentos recolhidos foi possível identificar referências a enchentes e períodos de difícil acesso ao camarão, aos peixes. Para os pescadores, o agravamento da situação só piora e torna mais escassa a pesca e seus produtos. Lê-se:

Não tem mais peixe, não. Tá difícil porque hoje em dia tem que ter um bom material e uma ferramenta moderna. O peixe ficou sabido e não conseguimos mais pescar como antes. O rio mudou tanto. O povo de outras cidades deseducou o rio. O rio fica rebelde e tira de nós muita coisa que antes nós conseguia com facilidade, com fartura (Pescador 18).

A prefeitura não faz nada pra limpar o rio. Tá aí tudo se acabando e os homem só ganhando mandato e nada é feito (Pescador 02)

Vender o peixe é a coisa mais difícil pra nós. Se não for de qualidade ninguém compra. A vida tá ficando difícil e não sei o que fazer. Nem a Associação fica livre da dificuldade (Pescador 20).

Logo, a situação de vida de pescador é em um primeiro momento explicitada como trabalhista. A relação com o rio São Francisco é, inicialmente, uma relação de subsistência. Grande parte dos debates ocorridos na Associação de Pescadores do Povoado Serrão trataram desses assuntos. O clima sempre foi acirrado e com alteração de voz e exigências particularizadas de alguns pescadores. Como pesquisadora, entendia que os pescadores viviam num limite muito estreito, quase pouco visível de imediato, quanto a sua relação com o rio São Francisco. Havia entre os membros da Associação uma partilha comum quanto às dificuldades e as mudanças que ocorriam no São Francisco ao longo dos anos. Observe-se:

O rio tá gritando. Desde que eu era menino vejo isso cada vez pior. Tem parte que nem é bom tomar banho rápido. Tudo podre. Você acha que isso não fere a todo mundo, não? Fere! (Pescador 11)

A dificuldade maior é tirar do rio um material de qualidade (Pescador 20)

Se o rio tá ruim é porque ninguém cuidou dele. (Pescador 04)

Foi difícil levantar os dados para a pesquisa em momentos como esses. Havia uma tensão e um foco muito econômico nas discussões. O que me interessava era a relação de toda

aquelas discussões com as histórias de vida de cada um dos pescadores. Para conseguir entender melhor o objeto de pesquisa, decidi aumentar a frequência na pesquisa em campo. Tanto a quantidade de dias, quanto a quantidade de horas de interação. Em poucos meses, mais familiarizada com os pescadores passei a interagir com os mesmos numa intensidade e informalidade mais concreta possível. Cheguei a atingir mais de dezoito horas de interação em um único dia de atividade de campo.

Nesse sentido, passei a entender melhor os conflitos tão evidentes nas reuniões da Associação, os medos de perdas profissionais e de direitos trabalhistas e, aos poucos, consegui apreender os sentidos das vidas pessoais de pescadores através dos relatos de vida. Não havia, por isso mesmo, local específico que servisse unicamente para a recolha das informações. Passei, então, a frequentar a comunidade do “Povoado Serrão” como carinhosamente o chamamos. Bebia cafés, assistíamos programas televisivos, conhecia filhos, esposas, noras, genros, pais, avós. A pesquisa ganhava força e muitos registros foram feitos após as longas jornadas das interações. Lê-se:

Hoje conheci a família de (Pescador 8). Numerosa e cheia de afeto entre eles. Eram mais de dez pessoas convivendo juntas e vivendo exclusivamente da pesca. A alimentação, mesmo nos dias de feira, incluía pescados. Eles comiam com amor e partilhavam os alimentos com um sentimento sagrado de união. Crianças corriam, banhavam-se no rio. Os pais olhavam tudo aquilo e expressavam as lembranças de suas próprias infâncias. Em muitos momentos me calava por aprender a experiência de viver tão simples e de modo tão inteiro com a natureza. Hoje, D. Maria (esposa do Pescador 11) contou sobre o primeiro banho dos filhos no São Francisco. Foi emocionante todo o relato. Ela trazia detalhes que minha memória não mais acessa. Fiquei apenas com a imagem de uma mãe conduzindo os seus filhos aos braços do rio. Ela disse várias vezes: “é o rio meu fio, é o rio”. Era como se apresentasse a um irmão mais velho que acolhia em seus braços o pequeno corpo (**Diário de Campo**, outubro de 2012).

Nisso tudo, a vida de pescadores não é limitada pelo pescar o peixe. É viver o rio. Então, compreendi como as imagens e as experiências de vida se imbricam como ritual entre os pescadores. Assim como D. Maria, outras tantas Marias-esposas repetiam o ritual com diferença singular. Então, entre agosto de 2012 e janeiro de 2013, intensifiquei minhas idas ao campo de pesquisa. As reuniões na Associação permaneciam no mesmo ritmo e com as mesmas intencionalidades. Minha presença já se incorporava aos membros da Associação e já era comum a conversa entre nós após os embates coletivos.

Nas reuniões a maioria dos pescadores, senão todos, estão presentes. A cláusula do regimento reforça a participação presencial. No limite de duas ausências por sessão ocorre o desligamento da Associação do pescador associado. Sem sede própria, a Associação foi acolhida por D. Maria, moradora, esposa do Pescador 11. Esse cenário não limita o controle da Associação a uma única família. Estava claro para todos, isso. O presidente sempre conduzia as reuniões com clima cordial. Apesar disso não se evitava o acirramento dos ânimos quando ocorria necessidade de discutir sobre financiamentos. Todos estavam, sempre, dispostos em círculo. Uns estavam acomodados em cadeiras e outros preferiam ficar de pé. Todos desejam falar de uma única vez porque a pauta era o financiamento de novos barcos. O presidente pede calma. “Cada um em seu tempo falará” (Pescador 3). Efetivamente, sempre havia respeito entre eles. De um modo ou de outro, as vidas de pescador mesclava vida pessoal e vida profissional de pescador. Não havia como distingui-las, isoladamente.

A vida de pescador se apresentava, aos meus olhos, como seu próprio instrumento de trabalho: a rede. Cada fio, cada nó deslanchava em um mundo de experiências. Nessa sensação e nessa percepção passei a peneirar nas interações, anotações coletadas durante as visitas ao campo de pesquisa, as imagens, conceitos que mais se desenhavam como características comuns do grupo de pescadores da Associação de Pescadores do “Povoado Serrão”. Observe-se:

Tudo mudou no rio como de repente (Pescador 14).

Nem dá tempo da gente decidi o que fazer com as coisas de nossa vida. Se nós depende do rio e ele também de nós, a gente nem sente ele mudar e nem sente mudar nossa vida, né? (Pescador 08)

Que nada! Minhas filhas nem viveram o que vivi com o rio. Tudo mudou e foi tão rápido. (Pescador 01)

[...] escute, minha filha, escute. É o barulho das águas. Tá vendo a água falar? Ela diz: tá tudo diferente. Tá tudo diferente. Diferente. Nem dá tempo de ajudar, dá não. (Pescador 03)

É impressionante o poder de impressão das mudanças rápidas e muitas vezes indesejadas que a vivência com o rio provoca na percepção partilhada entre os pescadores. Como estrangeira na minha própria terra e vida, aos poucos vi o objeto de pesquisa se desvelando, tomando forma. As imagens das mudanças eram imperativas e escapavam ao controle dos homens-pescadores. Imagens de uma ida, sem volta. Com a mesma imagem das memórias que, mesmo sem retroceder fielmente ao ocorrido, recriavam as lembranças e davam o sentimento de vida, vida de pescador. Nesse cenário, as imagens partilhadas também

se caracterizavam como sendo criadoras e com marcação de uma expressão educativa singular. A participação das crianças e das gerações é um elemento que se apresenta nesse tipo de imagem partilhada. Nota-se:

A gente inventa o rio pra não deixar o rio morrer como nossas lembranças. Por isso as crianças, nossos filhos, são valiosos para nós e para o rio. Se a gente não sustentar isso, quem pode se sentir vivo de verdade? Cada um diz um pouco e o pouco se torna muito [...] (Pescador 11)

Tem muita gente que cria história com o rio. [risos] eu mesmo criei um bocado delas. As histórias alimentam a imaginação das crianças e elas aprendem a cuidar do rio como a gente cuidou antes (Pescador 07)

Minha vida tem liga com o rio. Tudo vivi aqui. Me ligo aqui. Parece que envelheço junto ele, né, meu amigo [falando com o rio] (Pescador 04)

Tá me dando uma saudade daqui [Lacrimando]. Passei aqui minha vida inteira e não quero morrer e nem vê meu bichinho morrer comigo. (Pescador 09)

Se o colégio pudesse ensinar as crianças sobre a vida do rio na vida dos pescadores a gente ficaria feliz (Pescador 11)

Assim sendo, podemos afirmar que a relação com o rio, suas mudanças, suas trajetórias, estão interrelacionadas com as histórias de vida dos pescadores. Rememoro, nessa análise, o primeiro banho de cada criança, o anseio de cada adulto, pai-mãe, em aproximar de modo intenso os novos membros das gerações mais recentes com a vida do rio. Vida do rio e vidas de pescador, mais que nunca, faz tanto sentido. Não basta apenas nascer na comunidade tipicamente ribeirinha, mesmo negando a atividade pesqueira, pelo processo de internalização de valores externos à vida de pescador, no caso das culturas urbanas e as influências da cultura de massa pelos meios de comunicação tecnológica de nosso tempo. É necessário, sentir-se pescador, vivendo suas expressões mais banais e mais corriqueiras.

Para mim, o cotidiano de pescador, além de suas atividades técnicas e profissionais, traz à tona a pessoa do pescador. Foi nesse momento que procurei analisar os inúmeros “causos de pescador”. São narrativas complexas, as vezes contendo um forte apelo de fantasia e imaginação, mas, sempre com conteúdo educativo explícito. Um causo que me chamou a atenção, contado por (Pescador 11). Observe-se:

Era dona Elisa. Foi no rio encher o pote de água. Ela “espanou a água, o mero veio e tomou o pote da mão dela”. O mero é um peixe já sumido por essas banda e tem uma força enorme. [Os pescadores atribuem ao mero um lugar especial nas crendices dos pescadores]. É igual ao peixe chamado

“cachorra” que tem boca semelhante aos cachorros mesmo. Esse peixe matou um jovem na região daqui chamada Pela Pau, [na foz do Rio São Francisco].

São muitos detalhes dos quais não pude relata-los em detalhe porque a interação com os pescadores ocorria de modo tão intenso que nem gravando, nem anotando no calor da hora, dava para experienciar, olho no olho, aquilo que procurei traduzir nessa pesquisa. As perspectivas de compreensão dos resultados desse estudo são tão intensas que os mesmos são inconclusos, inacabados, como a vida de homem-pescador, como a própria vida é inacabada, certamente. Assim, cabe-me, ao menos trazer à universidade a riqueza de detalhes, ofuscada pelos limites da linguagem escrita, ofuscando com as palavras aquilo que meu corpo-alma sentiu e viveu inteiramente.

## **CONCLUSÃO**

## CONCLUSÃO

Iniciar um trabalho de pesquisa e concluí-lo não é tarefa da qual me sinto confortável. Tem-se muito a dizer, mas não se consegue expressar inteiramente. O espaço vazio de uma folha em branco me apavora e me expõe agora em incertezas ricas de formação na pesquisa. Que roupa devo usar? A roupa acadêmica ou a roupa de pescadora? Uma tensão e uma alegria nascem em mim.

Primeiro por não conviver no mundo em que habito mais sem forçar o diálogo entre as duas vestimentas: pescadora e acadêmica. Depois por me reconhecer tão estranha em minha própria casa. Sinto-me em casa na universidade, mas sei que há fragilidades e superficialidades no tratamento frio com as coisas e processos da vida. Sinto-me em casa no Povoado Serrão, mas não me acostumo inteiramente a colocar em meu olhar a esperança nas novas gerações, criando pela presença da educação a semente que pode (ou não) germinar de agora por diante. Nem frieza e nem esperança, depois de tudo isso sei viver. Não é vazio. É muito preenchimento e sinto que já é momento de fazer faxina para reelaborar o modo de viver a vida, vivendo a vida!

Os resultados desse estudo me permitem caracterizar o grupo de pescadores pela experiência vivenciada. É preciso compreendê-los em sua cultura de tensões existenciais e nisso reconhecer o conjunto da partilha-negação, mundanidade-sacralidade, vida-morte, partir-chegar, mudar-permanecer no reencontro do Rio São Francisco com as histórias de vida de pescador.

As representações sociais de pescadores (imagens, conceitos e concepções partilhadas) podem ser compreendidas pelo caráter simbólico da atividade representativa de sujeitos que partilham uma mesma condição ou experiência social. Nesses termos, as Representações Sociais são um conhecimento emergente do mundo no qual as pessoas se encontram e interagem, do mundo onde os interesses humanos, necessidades e desejos

encontram expressão, satisfação ou frustração, pois o conhecimento surge das paixões humanas e, como tal, nunca é desinteressado. Particularmente, a compreensão dos elementos de contexto de origem das Representações Sociais absorvem a cultura, a comunicação e a inserção nos níveis socioeconômico, institucional, educacional e ideológico.

Refletir sobre os elementos aqui narrados, e não analisados ou categorizados ao olhar cientificista da academia, nos dá fôlego pelo respeito que emana diante do grupo de pescadores que participaram do estudo. Nisso, a pesquisa produz avanço. Reconhecer que nas atividades pesqueiras, não há apenas pesca e lucro, ou perdas financeiras. Há vidas que emanam vida.

## **REFERÊNCIAS**

## REFERÊNCIAS

- ABRIC, J-C. A abordagem estrutural das Representações Sociais. In: MOREIRA, A.S.P. & OLIVEIRA, D.C. de. (org.). **Estudos interdisciplinares de Representação Social**. Goiânia: AB, 1998.
- AMOROZO, M. C. de M. **Um sistema de agricultura camponesa em Santo Antônio do Leverger, Mato Grosso, Brasil**. Tese Doutorado. Universidade de São Paulo, 1996. 263p.
- ANÁDON, Marta; MACHADO, B, Paulo. **Reflexões teórico-metodológicas sobre as representações sociais**. Salvador: Ed. UNEB, 2001.
- ANGROSINO, M.; FLICK, U. (Coord.). **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BACZKO, B. Imaginação social. In: **Enciclopédia einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.
- BARBIER, René. Escuta sensível na formação de profissionais de saúde. **Conferência na Escola Superior de Ciências da Saúde – FEPECS – SES-GDF**, 2002. Acesso: 17 de dezembro de 2012. Disponível em <http://www.barbier-rd.nom.fr/ESCUTASENSIVEL.PDF>.
- BERTAUX, D. A abordagem biográfica: sua validade metodológica, suas potencialidades. Tradução de Lucila Schwantes Arouca, Martha Rosa Pisani Destro. **Cahiers Internationaux de Sociologie**, Paris, v. 19, juin/dec. 1980.
- BERTHELOT, J. **Le piègescolaire**. Paris: PUF, 1983.
- CAPRA, F. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultura, 1995.
- CAVALCANTI, C. Política de governo para o desenvolvimento sustentável: uma introdução ao tema e a esta obra coletiva. In: CAVALCANTI, C. (Org.) **Meioambiente, desenvolvimento sustentável e políticas públicas**. São Paulo: Cortez. 1997. .
- COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. Nosso futuro comum. Rio de Janeiro: Ed. FGV., 1988. 46p.
- COSTANZA, R. (Org.) **Ecological economics: the science and management of sustainability**. Nova York: Columbia University Press. 1991.
- CUNHA, M. B. **Movimentando o binóculo**: das análises que imobilizaram às falas que interrogam, a fala dos excluídos. São Paulo: Papirus. 1996.
- \_\_\_\_\_. Populações tradicionais e a convenção da diversidade biológica. **Estudos Avançados**, v.13, n.36, p.147 – 163, 1999.

- DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (orgs). **O Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**; tradução Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- DIEGUES, A. C. S. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Repensando e recriando as formas de apropriação comum dos espaços e recursos naturais**. São Paulo: 1994.
- \_\_\_\_\_. **Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar**. São Paulo, Ática, 1983.
- \_\_\_\_\_. **Povos e mares**. São Paulo, Nupaub/USP, 1995.
- DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Caderno de Pesquisa**. [online]. 2002, n.115, pp. 139-154. ISSN 0100-1574.
- ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1994.
- FARR, R. M. Representações sociais: a teoria e sua história. In: **Textos em representações sociais**. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- FINGER, Mathias e NÓVOA, António. **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988.
- GADGIL, M.; BERKES, F.; FOLKE, C. Indigenous knowledge for biodiversity conservation. **Ambio**, v.22, n. 2-3, p. 151-156, 1993.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- \_\_\_\_\_. **O Saber Local**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GRESSLER, Lori Alice. Entrevista. In: \_\_\_\_\_ **Introdução à pesquisa: projetos e relatórios**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004. p.164-169.
- HAMMERSLEY, M., ATKINSON, P. **Etnografia**. Métodos de Investigación. Barcelona, Paidós, 1994.
- JODELET, Denise (Org.) **As representações Sociais**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.
- LEITAO, Wilma Marques e SOUSA, Isabel Soares de. Pescadores insulares e mercados: aspectos das relações de reciprocidade no comércio de pescado no Pará. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas** [online]. 2006, vol.1, n.2, pp. 53-64. ISSN 1981-8122.
- LIMA, Cristina Maria Garcia de; DUPAS, Giselle; OLIVEIRA, Irma de e KAKEHASHI, Seiko. Pesquisa etnográfica: iniciando sua compreensão. **Revista Latino-Americana de Enfermagem** [online]. 1996, vol.4, n.1, pp. 21-30. ISSN 0104-1169
- MACEDO, S. Roberto. **A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação**. Salvador: EDUFBA, 2000.
- MALDONADO, Simone. **Mestres e Mares: espaço e indivisão na pesca marítima**. 2a. edição. São Paulo, Annablume, 1994.
- MAYBURY-LEWIS, B. Terra e água: identidade camponesa como referência de organização política entre os ribeirinhos do rio Solimões. In: FURTADO, L.G. (Org). **Amazônia: desenvolvimento, sócio-diversidade e qualidade de vida**. Belém: UFPA/NUMA., 1997.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1971.
- MORAN, E. **A ecologia humana das populações da Amazônia**. Petrópolis: Vozes. 1990.

- MOREIRA, H.; CALEFFE L.G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. RJ: DP&A, 2006.
- MOSCOVICI, Serge. **Psicanálise, sua imagem e seu público**. São Paulo. Ed. Vozes. 1961.
- \_\_\_\_\_. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer: Projetos, Relatórios, Monografias, Dissertações, Teses**. Rio de Janeiro: 5. ed. [rev.], Ed, Elsevier, 2011
- PINEAU, Gaston e LE GRAND, Jean-Louis. **Les histoiresb de vie**. Paris : PUF, 1993.
- POSEY, D. A. Exploração da biodiversidade e do conhecimento indígena na América Latina: desafios à soberania e à velha ordem. In: CAVALCANTI, C.(Org.). **Meio ambiente, desenvolvimento sustentável e políticas públicas**. São Paulo: Cortez; Recife : Fundação Joaquim Nabuco. 1997.
- PUJADAS, J. J. M. **El método biográfico: el uso de las historias de vida en Ciencias Sociales**. Madrid, España: C. I. S. - Centro de Investigaciones Sociológicas, 1992. (Colección Cuadernos Metodológicos, n. 5).
- RAMALHO, Cristiano Wellington Noberto. **A arte pesqueira: território da mestrança e do saber-fazer marítimo**. In: MOURA, Alexandrina Sobreira de (Org.). **Políticas públicas e meio ambiente: da economia política às ações setoriais**. Recife: Massangana, 2009. p. 263-287.
- RESOLUÇÃO CONAMA nº 306, de 5 de julho de 2002. Publicada no DOU no 138, de 19 de julho de 2002
- SACHS, I. Ecodesarrollo: concepto, aplicación, implicaciones. **ComercioExterior**. n.30, p. 718-725. 1980.
- SOUZA, Antônio Vital M. de. **Marcas de Diferença: subjetividade e devir na formação de professores**. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.
- SPINK, M. J. P. (Org.). **Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano: Aproximações Teóricas e Metodológicas**. 1a. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- TEVES, N. O imaginário na configuração da realidade social. In: \_\_\_\_\_. (Coord.). **Imaginário social e educação**. Rio de Janeiro: Gryphus; Faculdade de Educação da UFRJ, 1992.
- THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar. 1981.
- TRIVIÑOS, S. N. Augusto. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação/ 1. ed-.18. reimpressão- São Paulo: Atlas, 2009.**
- TUAN, YI-FU. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meioambiente**. S.Paulo: DIFEL S.A , 1980.
- WARSCHAUER, Cecília. **A roda e o registro uma parceria entre professor, alunos e conhecimento**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.